

Sintaxe
da oração básica da
Língua Portuguesa

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Cegraf UFG



UFG Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf

Maria Lucia Kons



CONSELHO EDITORIAL DA FACULDADE DE LETRAS

Estudos Literários

Oswaldo Silvestre (U. Coimbra)

Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia, Perugia)

Arnaldo Saraiva (U. Porto)

Ida Alves (UFF)

Antonio Carlos Secchin (UFRJ)

Vagner Camilo (USP)

Paulo Franchetti (Unicamp)

Carlos Cortez Minchillo (Dartmouth College, EUA)

Ana Mafalda Leite (U. Lisboa)

Roberto Acizelo (UERJ)

Miguel Vedda (Universidade de Buenos Aires)

Francisco Garcia Chicote (Universidade de Buenos Aires)

Maria Zaira Turchi (UFG)

Zênia de Faria (UFG)

Estudos Linguísticos

Katia de Abreu Chulata (Università degli Studi G. d'Annunzio – Chieti/Pescara, Itália)

Gian Luigi De Rosa (Università degli Studi Roma Tre, Itália)

Ryuko Kubota (University of British Columbia, Canadá)

Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP)

Branca Falabella Fabrício (UFRJ)

Maria Clara Keating (Universidade de Coimbra)

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

Wolf Dietrich (Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha)

Luciene Maimone (Missouri State University)

Pâmela Freitas Toassi (UFC)

Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio (UFG)

Vânia Casseb Galvão (UFG)

Joana Plaza Pinto (UFG)

Sintaxe
da oração básica da
Língua Portuguesa

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Cegraf UFG
2023

© Cegraf UFG, 2023

© Vânia Cristina Casseb-Galvão, 2023

Projeto gráfico, diagramação e criação de capa

Allyson Moreira Goes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

C344 Casseb-Galvão, Vânia Cristina.
 Sintaxe da oração básica da língua portuguesa [Ebook] / Vânia Cristina Casseb-Galvão. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). – Goiânia : Cegraf UFG, 2023.
 II.

Inclui referências
ISBN (Ebook) : 978-85-495-0767-9

1. Língua portuguesa – Sintaxe – Estudo e ensino. 2. Linguística. 3. Língua portuguesa – Orações. I. Título.

CDU: 81'367

Bibliotecária responsável: Adriana Aguiar / CRB1: 3172

Dedico este livro à minha pequena Thalya,
hoje, uma bela senhora, eternamente, a minha
menininha de cabelos cacheados!

MEUS AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/FL/UFG) pelo apoio financeiro para publicação desta obra, através de liberação de fundos do Programa de Apoio à Pós-Graduação - PROAP/Capes/Ministério da Educação do Brasil.

Aos alunos da graduação da FL/UFG e da Università Del Salento - Itália (Unisalento) pelas reflexões e contribuições durante nossos momentos de estudo nos cursos de Sintaxe da Língua Portuguesa.

Ao Eduardo Flores e à Raiani Neves pelo apoio na revisão final do texto. Momentos de agradável parceria.

SUMÁRIO

Apresentação 9

Introdução 11

Capítulo 1

Os níveis de organização linguística – o nível sintático 15

O nível sintático 18

A concepção funcionalista da gramática das línguas 23

A unidade sintática básica: a oração 26

O sintagma 27

A configuração e as funções oracionais 28

A oração como unidade sintática 28

A oração como unidade informacional 32

A oração como unidade interacional 35

A oração como unidade semântica 37

O ordenamento sentencial no português brasileiro 40

Capítulo 2

A organização da oração 45

A organização sintática básica: o predicado e
a estrutura argumental 45

A estrutura argumental 46

A predicação 48

Capítulo 3

A Constituição argumental e as funções sintáticas básicas..... 50

Introdução.....	50
O argumento 1.....	52
A função sujeito.....	54
Em resumo.....	58
A constituição e a funcionalidade do sujeito.....	60
O argumento 2.....	68
A função complemento ou objeto.....	68

Capítulo 4

O predicado e a predicação 77

A predicação.....	78
Tipos de predicado.....	78
O predicado e a codificação de estados de coisas.....	79
Tipologia de estado de coisas.....	82
Exercícios.....	85

Capítulo 5

O predador prototípico. O predicado verbal 86

Definição multifuncional do verbo pleno.....	89
O predicado verbal ou verbos que constituem predicados.....	90
Os papéis de participação ou papéis semânticos dos argumentos.....	98
A gramaticalização de verbos plenos em verbos mais abstratizados.....	100

Palavras finais..... 107

Referências..... 109

APRESENTAÇÃO

SINTAXE quer dizer ordenação, organização, gramática, e essa definição considera o caráter fluido, dinâmico e caótico da língua. Logo, reconhecer a existência do nível sintático significa reconhecer a língua como um “caos organizado”: uma estrutura representacional e interpessoal em constante transformação, cujas regras de organização a constituem como multissistema.

As necessidades sociocomunicativas dos usuários da língua vão fazê-lo acionar, mobilizar essa engrenagem para propósitos específicos. Por isso, a tradição discursiva funcionalista reconhece que via semântica, a sintaxe está a serviço da pragmática, para que os sentidos sejam produzidos. Essa mobilização é feita de modo particular pelos usuários da língua portuguesa, respeitadas as tendências linguísticas gerais e, por isso, ela tem uma gramática própria.

Sendo assim, esta obra pretende oferecer um conjunto de informações básicas a respeito da constituição oracional, tendo-se em vista como interlocutores prioritários o professor e o aluno dos cursos de graduação voltados para os estudos da linguagem e da língua portuguesa. A divisão dos capítulos oferece ao professor a oportunidade de desenvolver um curso de até 64 horas/aula, a depender

da orientação conteudística e metodológica escolhida. A perspectiva teórica é funcionalista clássica, em uma visão polar e não dicotômica com o pensamento gerativista, o que significa que, sempre que for didaticamente interessante, recrutarei princípios, definições e metalinguagem desta vertente de estudos da sintaxe.

O direcionamento discursivo está voltado tanto para o falante nativo de português, que está em formação superior na área de Letras e Linguística, entre outras voltadas para os estudos da linguagem em uso, quanto para o falante não nativo, estudante de português como língua estrangeira nos mais diversos segmentos, como aqueles da tradução, da mediação linguística, do texto, da língua-cultura e da literatura em português.

Como usuários, admiradores e profissionais da linguagem, temos muitos motivos para estudar a constituição desse multissistema. Por isso, convido você a refletir a respeito de alguns fenômenos da gramática do português e a reconhecer sua funcionalidade em situações efetivas de uso da língua, sempre que possível, a partir de dados de língua em uso na variedade brasileira, no Português Brasileiro (PB).

Vânia

INTRODUÇÃO

Esta obra pretende compartilhar com o leitor um conjunto de conhecimentos fundamentais para a compreensão de como se dá a organização da oração básica na língua portuguesa, especialmente, no português brasileiro. Tratamos de temas relevantes para os estudos da Sintaxe em uma perspectiva funcionalista moderada, uma vez que, sempre que for didaticamente importante, recorreremos a autores e postulados gerativistas para complementar explicações, uma vez que, devido às diferentes concepções de linguagem em que cada uma dessas vertentes se apoia, as consideramos como perspectivas polares e não dicotômicas em relação aos estudos da linguagem. Portanto, entre tantos outros trabalhos que contribuem para estas reflexões destaco Bagno (2012), Berlinck *et al.* (2001), Casseb-Galvão (2022), Casseb-Galvão (2022b), Castilho (2011), Dik (1989), Halliday (1985, 1995), Mioto *et al.* (2005), Mira Mateus *et al.* (1989), Neves (2002, 2015, 2016, etc.), Pezatti e Camacho (1997), Raposo *et al.* (2021).

Constituem as bases funcionalistas desse conjunto:

- O reconhecimento da sintaxe como a dimensão responsável pela organização linguística que atualiza o conhecimento gramatical armazenado na mente humana. Em termos de Neves (2016, p. 19), a sintaxe é a codificação dos domínios funcionais, ou seja, da semântica (proposicional) e da pragmática (discursiva).
- A ideia de que a língua é fluida, não acabada, dinâmica, está sempre em mudança, e é heterogênea.
- A previsão de que essa gramática se organiza a partir de uma estrutura representacional (descritiva de eventos) e de uma estrutura interpessoal (interlocutiva). (Halliday, 1985, 1995).
- O reconhecimento da gramática como um multissistema de regras de organização do texto, a unidade maior de sentido (Castilho, 2010).
- O pressuposto de que essas regras decorrem de fatores sociais, cognitivos, pragmáticos e idiossincráticos.
- O postulado de que para que os sentidos sejam produzidos no texto, o componente sintático, via semântica, está a serviço da pragmática. (Givón, 1995 *apud* Neves, 2016).
- A mobilização de informações linguísticas é feita de modo particular pelos usuários da língua portuguesa, respeitadas tendências gerais das línguas (universais ou tendências linguísticas), fatores sociais (externos) e fatores internos à língua (as próprias regras de organização).

Tem-se a seguinte pergunta-guia para a progressão do conteúdo desta obra: **Como se estabelece o nível mais básico da estruturação sintática na língua portuguesa?** Procuramos respondê-la em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, a fim de fazer uma contextualização geral, localizamos o nível sintático entre aqueles níveis do núcleo duro da gramática, apresentamos a concepção de linguagem que orienta a

análise funcionalista, trazemos uma definição de oração e a distinguimos como unidade sintática, informacional, interacional e semântica. Tratamos também da ordem no PB.

O capítulo 2 trata especificamente da organização da oração. São introduzidas as noções de estrutura argumental, de predicado e de predicação, e são distintos os constituintes oracionais básicos e as relações que eles estabelecem entre si. Essas relações vão orientar a progressão temática da obra e dos capítulos, e dizem respeito à constituição do predicado, da predicação, à relação de complementação etc.

Conforme a perspectiva funcional orienta em relação à análise da organização oracional, sempre que for relevante, são apresentadas as motivações cognitiva, social e interacional (semântica e discursivo-pragmática) que subjazem aos fenômenos em evidência.

O capítulo 3 está reservado à constituição argumental e às funções sintáticas básicas. Trataremos da seleção e da conexão dos argumentos ao predicado e da saturação do predicado, constituindo a predicação. Distinguimos cada argumento e a função sintática prototipicamente a ele relacionada. Quanto ao argumento 1, destacamos a função sujeito, sua funcionalidade e os equívocos conceituais relacionados à descrição dessa entidade sintática. Atentamos também para as particularidades no estabelecimento do sujeito e para os aspectos discursivos de sua seleção para a produção dos efeitos de sentido no texto. Quanto ao argumento 2, atentamos para a sua função na constituição do predicado e para a progressão das ideias no texto. Além disso apresentaremos as tipologias de objetos no PB.

O capítulo 4 trata da formação do predicado e da predicação, da sua definição, dos tipos de predicado, do predicado em si, da codificação do Estado de coisas (EsCo) e também traz uma tipologia de EsCo. Trata-se de um capítulo denso devido à natureza central do verbo na organização do predicado e da predicação, e à necessidade de distinguir os EsCo a partir dos traços semânticos que representam, fugindo de classificações pouco explicativas, baseadas apenas em distinções formais.

O capítulo 5 é dedicado ao predicado prototípico¹ no PB, o predicado verbal. Trazemos uma definição multifuncional do verbo pleno. Tratamos especificamente dos verbos que constituem predicado, de valência e transitividade, dos papéis de participação ou papéis semânticos e, por fim, apresentamos um exemplo de gramaticalização de verbo pleno a fim de mostrar a fluidez e o dinamismo da gramática das línguas.

Como o leitor pode observar, o foco desta obra é a oração básica, e, devido ao desejo de um recorte muito preciso em relação ao desenvolvimento temático do texto, não tratamos especificamente dos adjuntos e dos circunstanciais, que receberem um tratamento tangencial, e são mencionados em caso de necessidades discursivas.

¹ O protótipo é o membro mais representativo de uma determinada categoria (Neves, 2016). Essa noção é muito importante para as análises funcionalistas e para as reflexões contidas nesta obra, pois carrega o pressuposto de que as categorias da língua e do discurso não são estanques, fechadas em si mesmas, ao contrário, são fluidas, dinâmicas e heterogêneas.

CAPÍTULO 1

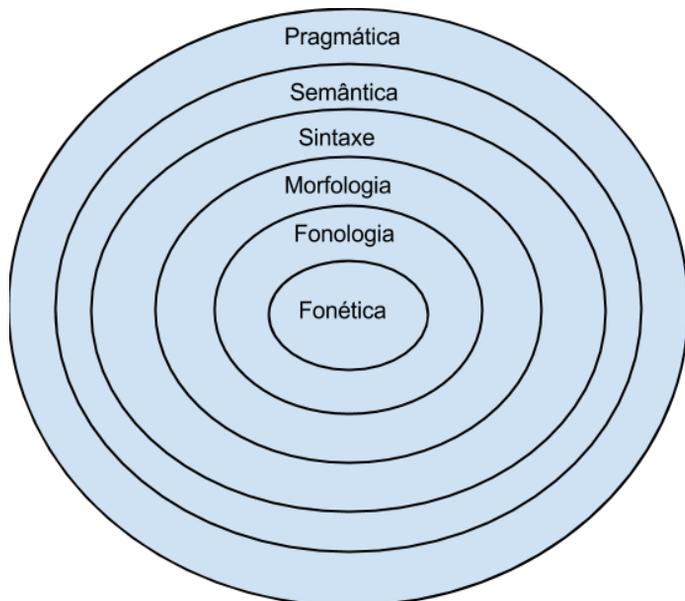
OS NÍVEIS DE ORGANIZAÇÃO LINGUÍSTICA – O NÍVEL SINTÁTICO

Iniciamos nossas reflexões a respeito da sintaxe da língua portuguesa a partir do reconhecimento de que ela integra um multissistema que se articula a partir de elementos de diferentes naturezas. A linguagem é complexa porque distingue a espécie humana, que é também complexa: o homem é um ser de constituição biológica, social, psicológica, cognitiva, ideológica etc. Sendo assim, a Sintaxe só pode ser estudada levando-se em consideração que ela faz parte de uma configuração multifacetada!

A língua se organiza em camadas!!!! (Dascal, 1975)

Comumente, são reconhecidas as seguintes camadas ou níveis de organização linguística:

Figura 1 - As camadas (ou níveis) de constituição linguística



Fonte: Elaboração própria).

Essas camadas, níveis ou estratos configuram a GRAMÁTICA, ou seja, o conjunto de regras que sistematizam a estrutura e o uso da língua para se que possa representar linguisticamente os eventos do mundo. Cada camada pode ser distinta a partir de propriedades, unidades e seus específicos papéis no processo de representação linguística. Essas camadas são tão importantes e definidoras da organização gramatical que seu estudo dá nome a disciplinas ou áreas de estudo e formação das línguas. Exemplos: área da Fonética, da Fonologia, da Semântica, da Sintaxe, da Pragmática etc. Fonética articulatória, Sintaxe gerativa, Sintaxe funcionalista etc.

Outras camadas podem ser acrescentadas à Figura 1, como a Discursiva, a Informacional e a Textual. Essa figura representa aquilo que se conhece como o núcleo duro da gramática das línguas. As

demais camadas dizem respeito a outras dimensões pressupostas da organização da linguagem (a mensagem, o texto e o discurso), as quais são de difícil delimitação devido ao seu caráter mais subjetivo.

Cada um desses nomes (Sintaxe, Semântica, Pragmática etc.) identifica tanto a camada, o objeto de estudo, quanto a área, a disciplina dos estudos linguísticos que a estuda.

Na interação verbal, esses níveis trabalham entre si para representar eventos e produzir enunciados gramatical e discursivamente eficientes, mas nós os estudamos separadamente para ter uma melhor compreensão da organização das gramáticas das línguas. O Quadro 1 resume os interesses de cada área do núcleo duro da linguística, e apresenta suas respectivas unidades básicas.

Quadro 1 - Áreas dos estudos linguísticos, interesses e unidade de análise

Área	Interesse	Unidade básica de análise
Pragmática	As relações decorrentes do contrato interativo, dos atos de fala, e os sentidos dele produzidos.	Ato de fala
Semântica	A representação simbólica dos conceitos e ideias armazenados na mente humana a partir de suas experiências sociais.	Significado
Sintaxe	A articulação ESTRUTURAL E FUNCIONAL dos processos, relações e entidades envolvidas nos eventos representados linguisticamente.	Oração (sentença, frase, cláusula)
Morfologia	A organização da palavra ou a constituição lexical.	Morfema
Fonologia	Os sons representativos de uma determinada língua, aqueles que a individualizam.	Fonema
Fonética	Os sons das línguas em geral, os sons produzidos pela espécie humana.	Fone

Fonte: Elaboração própria.

Feita a distinção das camadas ou níveis de organização linguística, cabe verticalizar nossa atenção para o nível **Sintático**, para os estudos da organização funcional e estrutural da oração.

O nível sintático

Daqui por diante direcionaremos nosso olhar para o NÍVEL SINTÁTICO numa tentativa de contribuir para a disciplina de mesmo nome no âmbito dos estudos gramaticais, mais especificamente, da SINTAXE DA LÍNGUA PORTUGUESA, por isso cabe defini-la como disciplina geral e apresentar sua unidade de análise e os princípios que regerão seu estudo.

O que é a sintaxe?

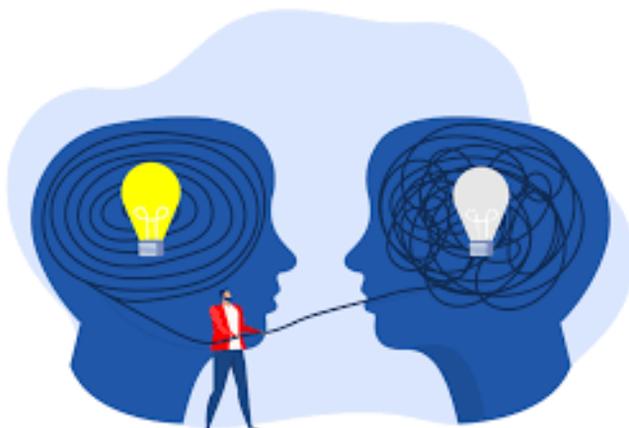
Quando falamos de SINTAXE nos referimos à disciplina que estuda o NÍVEL SINTÁTICO, o nível de constituição linguística responsável pela organização dos processos, entidades e relações que formarão a base estrutural da organização textual. A unidade SINTÁTICA BÁSICA é a ORAÇÃO² e as relações oracionais e interacionais vão formatar o texto, a UNIDADE COMUNICATIVA BÁSICA.

A organização sintática ajuda a sistematizar o CAOS, o grande repertório de ideias, informações lexicais, gramaticais e discursivas que formam a competência comunicativa e que está armazenado na mente humana. Essa competência é adquirida ao longo da vida a partir de experiências sociais diversas.

2. Outros autores a identificam como sentença, frase ou cláusula, termos que, para os propósitos desta obra, serão considerados equivalentes.

regras de funcionamento da gramática, entre tantas outras. Segundo uma perspectiva funcionalista da organização da linguagem, nós temos as orações pré-fabricadas na mente e as depositamos no uso. Temos internalizado padrões de organização da língua e os acionamos criativamente a depender das necessidades comunicativas.

Figura 3 - A constituição interacional do falante



Fonte: <https://pt.vecteezy.com/artes-vetoria>.

A imagem anterior ilustra a complexa relação de intercompreensão linguística. Os falantes não se comunicam apenas decodificando expressões que representam ideias previamente conhecidas, mas cooperativamente constroem ideias e expressões linguísticas para promoverem uma troca interativa eficiente. As expressões linguísticas são mediadoras de um sentido que é contextualmente construído e cuja promoção depende totalmente de quem fala (e ouve), de seu perfil social, do contexto situacional e do contexto de cultura. A sintaxe é a parte da organização linguística que estrutura formalmente as ideias.

A transcrição de fala a seguir exemplifica essa capacidade humana de fazer escolhas sociointerativamente adequadas e mostra que a fala, apesar de aparentemente caótica, obedece a regras de organização previamente conhecidas pelos falantes.

- 1) Inf. ah... era uma escola pequenininha... eu::... eu fiz amizade com uma menina lá... nossa até hoje eu lembro... aí naquela época era tipo::... a gente ia pra diretoria né quando a gente fazia arte... hoje... quando a gente fazia arte... quando a gente brigava com um dos aluno né... eu lembro assim... teve uma vez que... que a gente foi pra secretaria lá... ficô lá de castigo de trás da porta... umas as outra mostrando a língua pra outra ((risos))... era massa pra caramba... aí a hora que a gente saia... a hora que ela dispensava a gente lá... a gente saia correndo lá... ou mas foi bom... tinha uma quadra lá que a gente brincava de bola... foi bom demais lá... a infância lá foi boa... aí::... aí depois a gente::... aí eu peguei e mudei de colégio... fui conhecer outro colégio né... eu esqueci o nome... lá:: lá naquele colégio só tinha o:: início só... num tinha o:: a terceira... quarta série lá não... aí a gente tinha que mudar de colégio... aí eu fui pra um bem longe... menina eu era encrinqueira... eu fui de novo pra secretaria... eu briguei com a menina lá... eu falei... nossa senhora de novo... daqui a pouco eu vou ser expulsa desse colégio... ((risos)) (Fala goiana).

Os trechos em negrito exemplificam elementos centrais para a organização da oração, a partir dos quais a oração se estrutura. Eles são portadores de informações fundamentais para representar os eventos narrados e solicitam outros elementos envolvidos nos eventos para configurar plenamente cada oração. Assim, (alguém) (fazer amizade) (com alguém) / (alguém) (ir) (para algum lugar) / (alguém) (esquecer) (algo) etc.

A possibilidade de visualizar padrões estruturais em meio a um trecho de fala, truncado, cheio de interrupções, truncamentos, risos, etc., mostra que

A língua é um caos organizado!! (Tarallo, 1985)
A SINTAXE ORGANIZA O CAOS.

A concepção de linguagem e de sintaxe

A Sintaxe pode ser estudada a partir de duas principais perspectivas, que se distinguem por estarem baseadas em diferentes concepções de linguagem: uma concepção Formalista, que considera a linguagem como uma faculdade da espécie humana, cuja disciplina de estudos prioriza a análise das FORMAS da língua por si mesmas, em sua origem no cérebro humano (Perspectiva Gerativista), e, uma concepção Funcionalista, que, sem negar a linguagem como inerente à cognição humana, reconhece a língua como produto da interação social, que não existe por si mesma, mas decorre da atividade interativa, é voltada para o estudo das FORMAS EM FUNÇÃO. Na perspectiva Funcionalista, as estruturas da língua estão a serviço a produção de sentidos em situações efetivas de uso, sendo assim, os funcionalistas têm interesse em analisar e descobrir como a gramática internalizadas pelos falantes se revela no processo interativo. É esta última concepção que sustenta as reflexões aqui promovidas, ou seja, estudaremos a sintaxe da língua portuguesa em uma perspectiva funcionalista da linguagem.

A concepção funcionalista da gramática das línguas

A integração dos níveis de organização linguística

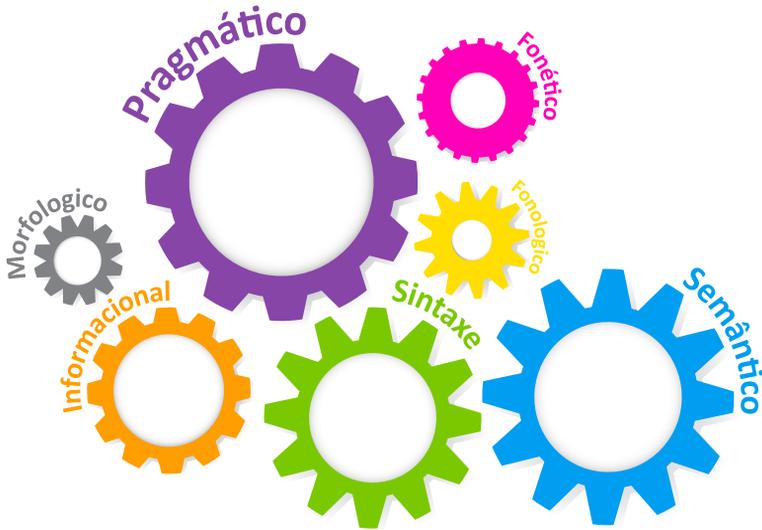
Sintaxe quer dizer estruturação, combinação, articulação, ordenação, organização, gramática, arquitetura.

André Eliseu (2008, p. 18) explica que

“A palavra sintaxe tem origem nos elementos gregos “sin” (junto) e “táxis” (disposição). A etimologia da palavra remete, portanto, ao caráter combinatório desta parte da gramática [e da Linguística] que se ocupa do modo como as palavras se associam para formar frases”.

Sendo assim, em uma perspectiva funcionalista da linguagem, a gramática das línguas é reconhecida como um sistema altamente complexo que se estabelece a partir de relações cognitivas, contextuais e linguísticas, haja vista que, no seu processo de formação, forças internas e externas a ela estão sempre em competição. Nesse sentido, o componente sintático é uma parte importante da engrenagem que coloca a linguagem em funcionamento, e é relativa à organização estrutural da oração para produzir sentidos nos textos, na atividade interativa, na língua em uso.

Figura 4 - A engrenagem da língua em funcionamento



Fonte: freepik.com [adaptado].

Logo, na perspectiva funcionalista, a sintaxe é vista em integração com os demais componentes, semântico, pragmático, informacional etc., presentes na ativação da gramática das línguas. O nível sintático cria a expressão linguística. O semântico representa a experiência e o pragmático diz respeito à interação entre os interlocutores. O conteúdo enunciado configura o nível informacional. Os níveis Morfológico e Fonológico, por sua vez, estruturam as representações decorrentes dessa integração a partir de unidades menores que a oração (as palavras, morfemas e fonemas), obedecendo às regras de cada língua, ou seja, fazem vir à tona a expressão linguística.

Sendo assim, a oração é a unidade sintática básica, e também é considerada uma unidade informacional (expressão do conteúdo), semântica (representação da experiência e de ideias) e interacional (condução interlocutiva).

Um aspecto importante para a compreensão das reflexões contidas nesta obra envolve o reconhecimento de que o nível sintático representa um conjunto de conhecimentos abstratos (pré-verbal) que é atualizado, manifesto linguisticamente, e se revela na codificação linguística (nível verbal), na organização oracional projetada no texto. Em outras palavras:

O conhecimento das regras sintáticas é pré-verbal
(abstrato, localizado na mente).

A sua manifestação é verbal, na codificação linguística.
(concreta, se escreve/lê e se fala/escuta)

Para se compreender a organização sintática, acionamos princípios funcionalistas que envolvem (cf. Neves, 2010; 2016, em referência a funcionalistas como Dik, Du Bois, Givón, Halliday, Hengeveld, Martinet, Mackenzie etc.):

- O reconhecimento de que há um nível de organização linguística que atualiza o conhecimento gramatical armazenado na mente humana.
- A ideia de que a língua é fluida, não acabada, dinâmica, está sempre em mudança, e é heterogênea.
- A previsão de que essa gramática se organiza a partir de uma estrutura representacional (descritiva de eventos) e de uma estrutura interpessoal (interlocutiva), e que está em constante transformação.
- O reconhecimento da gramática como um multissistema de regras de organização do texto, a unidade maior de sentido.
- O pressuposto de que essas regras decorrem de fatores sociais, cognitivos, pragmáticos e idiossincráticos. E, como consequência, a língua interna do falante é atualizada sociofisicamente (concretamente) motivada pelas necessidades sociais e comu-

nicativas dos usuários da língua, que vão acionar, mobilizar essa engrenagem para propósitos específicos.

- O postulado de que para que os sentidos sejam produzidos no texto, o componente sintático, via semântica, está a serviço da pragmática.
- A mobilização de informações linguísticas é feita de modo particular pelos usuários da língua portuguesa, respeitadas tendências gerais das línguas (universais ou tendências linguísticas), fatores sociais (externos) e fatores internos à língua (as próprias regras de organização).

Em outras palavras, os falantes têm mentalmente internalizados os padrões sintáticos disponíveis para essa língua, mas sua manifestação no uso efetivo é pragmaticamente dependente, depende de fatores contextuais, e de como concebem e representam experiências no mundo (da organização semântica).

A unidade sintática básica: a oração

Na transcrição de fala em (1), há orações que se organizam em torno de um único elemento central, como o verbo **ir** em, *a gente ia pra diretoria*, são as chamadas **orações simples**, que descrevem eventos simples, e, aquelas que se organizam a partir de dois elementos centrais, como os verbos **ir** e **mostrar** em (*a gente foi pra secretaria lá...*)... (*a gente*) **ficô lá de castigo de trás da porta... umas as outra mostrando a língua pra outra ((risos))**, são as chamadas orações complexas (ou períodos compostos, na terminologia tradicional), que representam eventos em cadeia, combinadas, articuladas.

Nesta obra, para mostrar a arquitetura do nível sintático, por uma questão de delimitação do objeto, e devido à complexidade das orações combinadas, enfocaremos a **ORAÇÃO SIMPLES**. Para tratar da organização oracional, é importante nos reportarmos à outra unidade sintática, de igual modo relevante, o sintagma.

O sintagma

Apesar da linearidade superficial dos elementos nas frases, as relações entre eles não são lineares, imediatas, obedecem a determinadas regras. Os constituintes oracionais estabelecem relações hierárquicas entre si e se organizam em torno de um núcleo. Por isso, é possível distinguir determinadas combinações de constituintes, organizados em torno de núcleos de diferentes categorias, NOME, VERBO, ADJETIVO, PREPOSIÇÃO, ADVÉRBIO etc. Cada uma dessas combinações recebe o nome de SINTAGMA, que se pode definir como a menor unidade estrutural significativamente distinta na cadeia sintagmática e organizada em torno de um núcleo. Denomina-se cadeia sintagmática a sucessão de elementos linguísticos linearmente postos um após o outro, formando uma linha, uma cadeia, a da fala (ou da escrita).

O sintagma é a base da estrutura sentencial e se constrói a partir de um **núcleo**, o elemento semanticamente mais importante de uma porção distinguível da sentença. Um núcleo pode ser vazio ou pronunciado, simples ou composto, lexical ou gramatical. (Mioto *et al.*, 2005).

Núcleo: 1. Lexical: representação linguística dos elementos do mundo, extralinguístico, e se organiza em torno de um nome, verbo, adjetivo, advérbios, preposição.

Núcleo: 2. Gramatical: explicita relações (gramaticais) entre os elementos da sentença, como as relações de modo, tempo, aspecto, número etc.; ou ainda atuar como complementizador (que) entre duas orações, e como determinante de um nome (artigo), negação etc.

Em termos de exemplificação, se diz que o sintagma nominal (SN) é encabeçado, nucleado, por um nome (janela, casa, abelha etc.); o sintagma adjetival (SAdj), por um adjetivo (bonito, feio, horrível etc.), e assim por diante.

A classificação dos sintagmas obedece a um critério morfológico, baseado na classe de palavra que tipicamente ocupa a função de

núcleo, e funcional, relativo à posição do sintagma na estrutura da oração (Azeredo, 2008, p. 146). Sendo assim, da oração a gente ia pra diretoria se pode distinguir os seguintes sintagmas:

Quadro 2 - Distinção sintagmática da oração “A gente ia pra diretoria”

Classe	Representação	Exemplo
Sintagma Verbal – Verbo ir	SV	[i -]
Sintagma Flexional – Modo indicativo, pretérito imperfeito.	Sflex	[- a]
Sintagma pronominal (artigo + pronome, 1ª pessoa do plural, “A gente”	Spro	[a gente]
Sintagma Preposicional – Preposição + nome	Sprep	[pra diretoria]

Fonte: Elaboração própria.

Feita essa distinção da organização sintática da oração, cabe defini-la, considerando-se os diferentes papéis ou funções que seus constituintes desempenham em cada nível de organização da gramática.

A configuração e as funções oracionais

As unidades da língua nem sempre são fáceis de definir, como é o caso de *palavra*, *enunciado*, *discurso* etc., e, assim o é também a *oração*, mas, devido ao objetivo didático desta obra, é importante trazer uma distinção minimamente elaborada de nosso objeto maior de estudo.

A oração como unidade sintática

Para os efeitos introdutórios desta obra, consideramos *oração*, *sentença*, *frase* e *cláusula* como termos equivalentes, mas usaremos predominantemente a palavra *oração* para nos referir à unidade sintática básica.

Definições:

- Unidade estrutural sintagmaticamente fechada, portadora de um determinado valor enunciativo.

- b) Uma sequência estrutural hierarquicamente organizada que se revela no texto, descreve um estado de coisas e resulta da enunciação (Neves, 2015).

Estados de coisas (EsCo): tudo o que acontece no mundo (real, imaginário, virtual, ficcional etc.) e pode ser linguisticamente expresso, codificado. Um EsCo pode ser visto, ouvido, questionado, localizado no tempo etc.

Essas definições têm como pressuposto o princípio da integração entre os componentes sintático, semântico e pragmático da gramática, e, por isso, a oração é vista como “determinada textual-interativamente, e, portanto, como “autônoma” apenas do ponto de vista de fechamento sintagmático” (Neves, 2015, p. 16), ou seja, não se reconhece a oração como uma unidade circunscrita ao cumprimento de funções estruturais, a sua autonomia está apenas no fato dela se completar a partir da seleção e da interdependência entre seus constituintes. Esta afirmação é uma crítica direta ao pensamento formalista gerativista, segundo o qual a oração é uma unidade estrutural autônoma, um indicador sintagmático independente dos demais níveis (fonético, fonológico, semântico etc.), considerando-se o seu lugar de origem como produto da atividade cerebral, numa visão modular da mente humana.

Sem os constituintes solicitados pelo seu núcleo (implícitos ou explícitos), a oração não cumpre o seu papel como representação de um estado de coisas. Assim, o estado de coisas “brigar” envolve dois participantes agindo em simultaneidade, e ambos devem aparecer na codificação linguística desse evento, para isso, o falante pode dizer (*eu*) (***briguei***) (*com a menina*) ou ainda *eu e a menina brigamos*.

No exemplo, a falante opta por colocar-se como a origem da ação e a escolha por essa estrutura reforça a sua afirmação “*menina eu era encrênqueira.*”

Considerando-se as escolhas linguísticas representadas nos textos, na oração ocorre o entrecruzamento de vários subsistemas linguísticos (predicação, valência, transitividade, modo, modalidade, concordância, voz, tempo etc.), os quais, em conjunto, “respondem pelo todo do texto, ou seja, pelo todo organizado do que se enuncia.” (Neves, 2015, p. 16). Sendo assim, a oração também deve ser vista em estratos, em camadas, pois não é uma representação linear e seus constituintes cumprem diversos propósitos na organização da interação. A linearidade oracional é um aspecto de sua realização material (aquilo que se fala/escuta ou se lê/escreve).

A representação sintática da oração prototípica é a seguinte:

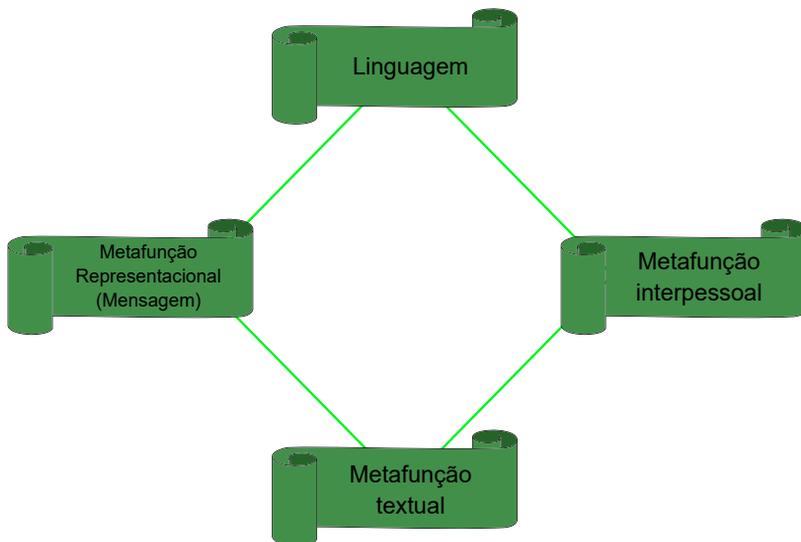
Figura 5 - Representação sintática da oração prototípica

(SN ₁) (Sujeito) (João)	(SV) (Predicado verbal) (compr-)	(SN ₂) (Complemento) (um caminhão)
---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Para explicar o caráter multidimensional da oração, recorreremos aos postulados de Halliday (1985, 1995). Para esse autor, a interação se revela no texto e se constitui como mensagem e como evento de interação. Isso porque um conteúdo é discursivamente compartilhado, e não apenas comunicado pelos interlocutores, ambos, locutor e interlocutor contribuem para o sucesso de um ato de fala. Sendo assim, todo ato de linguagem cumpre três macrofunções: ideacional ou representacional, interpessoal e textual.

Figura 6 - As metafunções da linguagem



Fonte: Elaboração própria.

Conforme ilustra a Figura 6, na constituição da linguagem, essas três metafunções estão interconectadas para produzir os sentidos pretendidos pelos interlocutores e são explicitadas no cumprimento da função textual.

A **metafunção representacional ou ideacional** está relacionada à representação da experiência dos usuários da língua, e, para isso, requer um processo complexo de elaboração, aciona conhecimento prévio, estabelece relações, atribui significado e funcionalidade aos usos da língua, conceitua e categoriza as coisas do mundo. É a função do nível semântico. Na organização gramatical, essa função é cumprida, por exemplo, pela transitividade.

A **metafunção interpessoal** diz respeito à ação interativa, que envolve troca interlocutiva e como ela se efetiva no que diz respeito às manifestações do falante sobre o conteúdo do seu ato de fala. Essa é uma função cumprida pelo sistema de modo e modalidade.

Como o texto é impregnado de valores, ideias, crenças e suposições dos quais derivam certas atitudes e comportamentos, a **metafunção textual** operacionaliza as duas primeiras, para as quais é instrumental. Logo, diz-se que a oração é a projeção de uma:

- a) **Organização Informacional** – mensagem organizada no texto;
- b) **Organização Interlocutiva** (pragmática) – troca interpessoal;
- c) **Organização Semântica** – representação de ideias e de experiências.

Esse aspecto multidimensional da oração faz que se cometam muitos equívocos em relação à distinção e à função de seus constituintes, por isso, sempre que houver oportunidade nos referiremos a alguns desses equívocos cristalizados na literatura gramatical tradicional.

A oração se organiza, reconhecidamente, como outros diferentes tipos de unidades; assentada em outros territórios; em obediência a outros modos de acionamento; e, em todos eles, com muito maior espaço de manobras, e conseqüente perigo de desajuste.” (Neves, 2015, p. 17)

A oração como unidade informacional

Toda oração é portadora de um conteúdo, cumpre uma função textual, por isso se diz que ela tem, além de um sujeito sintático, uma espécie de “sujeito psicológico”, que é o ponto de partida da mensagem, o TEMA em torno do qual as informações seguintes girarão, “aquilo que se diz / se informa de algo”; o Rema.” (Neves, 2015, p. 18). Em termos informacionais se diz, portanto, que a oração é uma estrutura bipartite formada por

TEMA	(e)	REMA
De que ou de quem se fala		O que se fala sobre o tema
a gente		ia pra diretoria
<ul style="list-style-type: none"> • Na oração, Sujeito e Tema podem coincidir ou não. • Zona de intersecção entre Sujeito e Tema: Sintagma Nominal! 		

Neves (2015, p 18) diz que “...tanto o preenchimento da casa sintagmática do sujeito quanto o preenchimento da casa pragmática do tema têm um núcleo nominal.” “...Isso é categórico para o sujeito, não é categórico para o tema.” (p. 18), ou seja, a função sujeito será sempre desempenhada por um nome, já o Tema pode ser de outra classe de palavra, como nas orações interrogativas: *Quem brigou na escola?* Em que o tema é o pronome interrogativo “Quem” e o rema “brigou na escola?”

Neves (2015) menciona também que em orações construídas a partir de um verbo existencial, como *haver, ter* etc., em que não há a seleção de um sujeito, pois são impessoais, não há uma entidade provocadora de um evento qualquer. O Tema é muito frequentemente marcado por advérbios de lugar, de tempo, expressões locativas, que muitas vezes são sentidas como sujeito. É o que se observa em

- 2) Aqui não há nada da representação do povo da Madeira a competir ao Presidente da Assembleia Regional, para depois se dizer que compete à Assembleia Regional, aos Deputados regionais. Aqui há a representação correcta da Região como pessoa, obviamente, colectiva. [...]. (Corpus CRPC, Portuguese Only).
- 3) No Rio de Janeiro tem uma avenida movimentada, tem tudo para comprar e vender, uma verdadeira feira-livre (Corpus Português Now).

Além disso, se pode analisar a oração a partir da qualidade das informações, se são dadas ou novas, se ocupam uma porção principal (figura) ou secundária do discurso (fundo). Outro aspecto interessante é o direcionamento do fluxo da informação.

Por exemplo, as orações interrogativas orientam a representação de diferentes focos informativos, monitorando o fluxo de informação, direcionando discursivamente as porções relevantes do texto.

- a) Quem brigou na escola?
- b) O que Joana fez na escola?

O tipo de interrogação vai determinar o desenvolvimento do fluxo da informação na interação, logo, quem será o Tema, de quê ou de quem se fala.

Neves (2015, p. 20) observa que ao organizar a oração, o falante tem inúmeros recursos sintáticos para produzir os efeitos de sentido que deseja. Um desses recursos envolve a variação da ordem:

- 4) Não acha você que é um bom começo para o principal sonho da maioria das mulheres? (OC-R).
- 5) Ela é uma boa menina. (BU-D).

Qualificação de menor subjetividade.

- 4a) Não acha você que é um começo bom para o principal sonho da maioria das mulheres?
- 5a) Ela é uma menina boa.

Toda alteração na estrutura sintática afeta outros níveis de organização linguística, especialmente, a organização discursiva, por isso, a mudança na ordem do adjetivo ou do nome no interior de um sintagma vai acarretar maior ou menor subjetividade. Em “um bom começo”, o peso informacional e discursivo está no adjetivo “bom”, que é um qualificador. Em “um começo bom”, o peso está no nome “começo”, que se refere a uma entidade abstrata, é mais conceitual.

A oração como unidade interacional

Como resultado de uma troca interpessoal, a oração organiza a interação, direciona as avaliações, impressões e manifestações do falante, ou seja, além representar estados de coisas, ela também orienta o interlocutor a respeito de como receber as informações codificadas nas expressões linguísticas.

Os diferentes tipos de frase estão a serviço do cumprimento dessa função da oração na língua portuguesa: a frase afirmativa, por exemplo, descreve um fato, um conhecimento real ou factual do mundo dos eventos objetivos, representado por um morfema *zero*, ou seja, que não é explicitamente representado, não há necessidade de ser lexicalmente marcado, e cuja existência se pode teorizar.

- 6) Supremo Tribunal Federal (STF) mantém foro privilegiado de Cláudio Castro. (Revista Veja).

Nesse sentido, ao se enunciar um fato presenciado, vivenciado ou de fonte comprovada, não há necessidade de se marcar explicitamente a origem da informação, a não ser que a situação comunicativa assim o exija.

- 7) A Revista Veja noticiou que o STF manteve o foro privilegiado de Cláudio Castro.

A expressão lexical da fonte de informação factual é condicionada pela relevância pragmática. Em outras palavras, é a intenção comunicativa, manifesta na negociação entre os usuários da língua na interação verbal, que vai exigir a presença de elementos indicadores da origem do conhecimento informado.

Além do mais, a oração pode trazer marcas explícitas relativas à atitude do falante quanto ao conteúdo do ato de fala, cumprindo a metafunção interpessoal, representando o próprio mundo do dizer, e não o mundo objetivo dos eventos. Isso inclui, por exemplo, a

explicitação de uma marca que introduz um conhecimento originado na experiência pessoal sensorial do enunciador, faz parte de seu conhecimento geral sobre como a linguagem se organiza, mas não foi presenciado.

- 8) Diz que era um rei, tinha uma filha por casar...(In: Casseb-Galvão, 2022).
- 9) Era uma vez... O dia em que todo dia era bom / Delicioso o gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão (Kell Smith).
- 10) Infelizmente, o Brasil aproveita muito pouco a energia solar como fonte de energia limpa. (www.brainly.com.br – adaptado).

Os enunciados em (8) e (9) representam conhecimentos e informações originados em outro plano: a oração enuncia uma lenda, um fato que só existe em um mundo fictício, intersubjetivo. Em (10), por sua vez, o enunciador deixa claro para o seu interlocutor que se trata de uma opinião ao introduzir o enunciado com uma marca de subjetividade, “infelizmente”.

Ao introduzir uma história, uma lenda, as marcas “*diz que*” e “*era uma vez*” funcionam como mecanismo de construção do quadro enunciativo de criação do “mundo”, onde é possível que a informação veiculada seja verdadeira, e, ao mesmo tempo, permite ao enunciador deixar clara sua condição exclusiva de veiculador daquela informação, cuja origem é o imaginário mitológico, a imaginação. O *diz que* marca a distância temporal e espacial do falante em relação ao evento narrado: um fato do passado remoto, ou do passado histórico, do qual o falante jamais poderia ter participado.

Casseb-Galvão (2001, p. 136) explica que o não uso do *diz que* em (8) pode falsear ou retardar a modificação na informação pragmática do ouvinte devido à interpretação incorreta da intenção comunicativa contida na informação pragmática do falante pelo ouvinte.

Em (11), a seguir, atitudes humanas são atribuídas a um animal. O próprio estado de coisas descrito na proposição é irreal, daí a necessidade de uma expressão linguística que convalide o valor de verdade e atribua coerência ao enunciado.

- 11) Diz que um leão enorme ia andando chateado, não muito rei dos animais, porque tinha acabado de brigar com a mulher e esta lhe dissera poucas e boas (In: Casseb-Galvão, 2022).

Advérbios (*possivelmente, talvez, provavelmente* etc.), expressões verbais (*eu acho que, é provável, é possível* etc.), e o modo verbal (Indicativo, Subjuntivo, Imperativo) são alguns dos recursos gramaticais que distinguem a oração como unidade de troca interativa, como organização interativa. Um exemplo é a marca de subjetividade sublinhada em (12).

- 12) Daqui a um mês me diga se estou mentindo. (In: Casseb-Galvão, 2022).

A oração como unidade semântica

A organização semântica diz respeito à maneira como a língua representa o mundo extralinguístico.

No cumprimento da metafunção representacional, a oração é concebida como organização semântica, como a representação de estados de coisas, é a codificação dos eventos do mundo. Isso implica dizer que ela é o vetor para a construção de significados e, também, que se constrói como um reflexo dos eventos que representa. Logo, a oração descreve os eventos em si (representados pelos verbos), as entidades neles envolvidas (sujeito e complemento) e as informações adicionais à cena enunciativa (adjuntos).

Os estados de coisas (EsCo) podem ser representados linguisticamente de diferentes pontos de vista, de diferentes perspectivas (de

quem fala, de quem é afetado pela ação descrita etc.), depende do que se quer comunicar. A transitividade é o sistema que está na base do cumprimento dessa função. Ela é ancorada na valência, que se relaciona ao número de entidades solicitadas pelo verbo para representar um EsCo, mas é a transitividade, de natureza pragmática, que está na base dessa representação. A valência é do verbo (predicado). A transitividade é do nível da predicação.

A palavra “transitividade”, do latim, *transitivus*, “o que vai além”, “que se transmite”, denota transferência de uma atividade de A para B, as entidades envolvidas em um estado de coisas, geralmente, “de um agente para um paciente” (Cunha; Souza, 2007, p. 25).

Casseb-Galvão *et al.* (2022, p. 33) observam que “a transitividade envolve graus de transferência de uma ação, atividade ou realização efetivada no mundo. Na atualização linguística, a representação dessa transferência pode se dar apenas parcialmente”. Esse fato explica a existência de orações na voz ativa, com alta transitividade, e, na voz passiva, com baixa transitividade, ou seja, as diferentes vozes representam diferentes modos de percepção de um acontecimento.

Em outras palavras, pode-se dizer que “diferentes codificações sintáticas atualizam a transitividade”. Elas decorrem de uma diversidade de motivações semânticas, pragmáticas, cognitivas e sociais, relacionadas com os variados contextos de uso da língua”.

Por isso, se diz que a transitividade é da oração (cláusula) e não do verbo, uma vez que ela envolve a descrição de um evento e a seleção, discriminação contextual das entidades dos participantes nele envolvidos. Semanticamente, uma oração transitiva prototípica envolve, além do verbo, um agente, representado pelo mesmo elemento que cumpre a função de sujeito sintático, e um paciente ou afetado pela ação causada pelo agente, e é representado sintaticamente pelo objeto direto.

Assim, um estado de coisas como a compra de um caminhão pode ser representado de diferentes perspectivas, por orações em ordens e vozes diversas.

13) ... aí nesse meio tempo ele comprou outro caminhão... (Fala goiana).

a) Nesse meio tempo	ele	comprou	outro caminhão (m)...
Adjunto	Agente/Suj	V	Afetado / Obj
b) ele	comprou	outro caminhão	nesse meio tempo...
Suj	V	Obj	Adjunto
c) ele	comprou	nesse meio tempo	outro caminhão (m)...
Suj	V	Adjunto	Obj
d) ôtro caminhão (tr)	foi comprado	por ele	nesse mei tempo...
Suj	V	Obj	Adjunto
g) ôtro caminhão (tr)	foi comprado	nesse mei tempo...	
Suj	Adjunto	Adjunto	
h) ôtro caminhão (tr)	foi comprado...		
Suj	V		

Aqui cabe também refletir sobre a escolha de uma oração ativa ou passiva, cuja funcionalidade è explicada por Neves (2015, p. 27) nos seguintes termos:

“Se a consideração do caráter agentivo ou passivo de uma oração tem seu ponto de partida na estrutura temática interna à oração, entretanto as próprias determinações dessa estrutura têm um caráter muito mais relacionado ao andamento textual, ou seja, à hierarquização dos papéis temáticos na construção do “enredo” geral e no atendimento às necessidades da mensagem”.

Sendo assim, Neves (2015, p. 28) esclarece aos que ainda se perdem em longos exercícios de “passe para a voz passiva” e não se atentam para a funcionalidade dessas orações que:

“Avaliar a diferença entre uma oração ativa e uma oração passiva, em linguagem, não se restringe a verificar como está a forma verbal em uma e em outra: seguramente se há de ver, já de princípio, que a direção escolhida para a expressão da transitividade será, com certeza, aquela que, por seu maior grau de especificação, põe-se melhor a serviço da direção acional (da ação) que o falante quer expressar”.

Oportunamente, trataremos com mais detalhes dessa intrigante temática da voz gramatical no português brasileiro, mas, desde já, para um estudo mais aprofundado, recomendo a leitura de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), *Construções de voz no PB*, Cegraf/UFG.

Aproveito também essa reflexão para trazer uma breve explanação a respeito da ordem no Português brasileiro em uma perspectiva funcionalista, a partir de Berlinck *et al.* (2001) e Pezatti e Camacho (1997).

O ordenamento sentencial no português brasileiro

Reconhece-se que o português brasileiro evoluiu historicamente de uma ordem VSO (Verbo – Sujeito – Objeto) para uma ordem predominante SVO (Sujeito – Verbo – Objeto) (Pezatti; Camacho, 1997). No entanto, considerando-se os constituintes básicos da sen-

tença (Sujeito, Verbo, Objeto Direto, Objeto Indireto,³ Adjunto), é possível distinguir os seguintes padrões de ordenação da sentença nessa língua:

- (i) Manoel enviou as flores para Cristina. (SVOdOi)
- (ii) A Cristina eu encontrei no mês passado. (OdSVAdj)
- (iii) No noivado compareceram os pais e os irmãos da Cristina. (OiVS)
- (iv) Enviou Manoel as flores para Cristina. (VSOdOi)
- (v) As flores Manoel enviou para Cristina. (OdSVOi)
- (vi) Nós encontramos a Cristina ontem. (SVOdAdj)
- (vii) Os pais e os irmãos da noiva estiveram no noivado. (SVOi)
- (viii) Estiveram no noivado os pais e os irmãos da Cristina. (VOiS)

Segundo Berlinck *et al.* (2001), essa diversidade de opções de ordem instiga pelo menos duas perguntas:

- Quais os padrões de ordem possíveis no português brasileiro?
- O que explicaria a possibilidade de pospor ou não o sujeito e de antepor ou não o complemento, por exemplo?

Berlinck *et al.* (2001), inspirados em Pezatti e Camacho (1997), apresentam um belíssimo estudo funcionalista sobre a ordem no PB e assumem a existência de alternativas de ordenação, sem, no entanto, atribuir-lhes nenhum tipo de hierarquia, o que significa reconhecer que os elementos constitutivos da sentença podem ser ordenados segundo diferentes padrões, gramaticalmente equivalentes.

Não há uma ordem primeira básica, da qual todas as demais derivam, mas sim a coexistência de várias construções de ordem. A

³ Nesta altura do desenvolvimento do conteúdo, trataremos todos os objetos preposicionados como objeto indireto, mas reconhecemos a existência da função objeto obliquo, que será tratada oportunamente na seção dedicada ao argumento 2.

ordem é um fenômeno da atualização linguística e é motivado pragmaticamente. Ela decorre do princípio linguístico da linearidade.

Os vários padrões de ordem cumprem funções comunicativas diferentes. O papel discursivo é a motivação primeira de cada padrão. A ordem é um mecanismo de expressão verbal e não da estrutura oracional subjacente (não verbal) e um dos recursos pelos quais se pode expressar formalmente as relações e as funções estabelecidas no nível pré-verbal.

Sendo assim, as sequências de constituintes de (I) a (VIII) são determinadas pela interação de princípios de ordenação atuantes no nível da sentença, relativos à organização da informação, e que envolvem o modo como o falante avalia a informação de que seu ouvinte dispõe, aquilo que ele já conhece e o que é novo para ele, e, a partir disso, organiza sua fala para prover alguma mudança nesse conjunto de informações, fornecendo algo novo ao destinatário de sua mensagem. Isso ocorre porque, para que o ouvinte interprete adequadamente os diferentes tipos de informação que o falante está veiculando, a língua dispõe de diferentes estratégias formais (Dik, 1989).

Berlinck *et al.* (2001) dizem que os princípios atuantes para gerar diferentes padrões de ordenação dos constituintes envolvem:

- a) A preferência de constituintes com a mesma especificação funcional (sujeito, objeto) ocupem a mesma posição estrutural.
- b) A tendência a que em certas posições estruturais ocorram sempre as mesmas categorias gramaticais e sejam sempre ocupadas por constituintes com função de tópico ou de foco.
- c) A tendência em se organizar a oração da esquerda para a direita, segundo um grau crescente de complexidade. Pronomes aparecem antes de sintagmas plenos e estes vêm antes de complementos oracionais.

Para compreendermos melhor o ordenamento oracional, cabe introduzir duas noções pragmáticas fundamentais, o tópico e o foco.

- **Tópico:** entidade de natureza argumental a respeito de quem determinado discurso fornece uma informação. (Sujeito ou complemento).

14) O empresário havia saído de Sorocaba por volta das 12h, com destino a Taquaritiba (315 Km a oeste de São Paulo), segundo Carlos Marinez de Moraes, primo de Martins Júnior e administrador da construtora. Ele levava consigo cerca de US\$ 40 mil para fazer pagamento de funcionários que trabalhavam na construção de casas populares. (po-FO-Brasil, 1 18:30) (Pezatti; Camacho, 1997).

- **Foco:** informação relativamente mais saliente ou mais importante num determinado contexto significativo, é considerada pelo falante como a mais importante que o destinatário acrescenta à sua informação pragmática. A primeira posição na sentença tem esse caráter focal, mas muitas vezes o foco é marcado pela entonação, como se observa no exemplo a seguir, no qual a entonação mais acentuada na palavra “enorme” dá-lhe maior realce e indica a importância que o falante dá a essa informação nesse contexto comunicativo.

15) [...] você ia ao cinema tinha que ficar em pé numa fila e NORME... não é? (DID-SP-234:581). (Pezatti e Camacho, 1997).

Berlinck *et al.* (2001) apresentam o seguinte “Esquema geral de ordenação da frase” a partir do qual interpretam ordenamentos frasais equivalentes àqueles apresentados de (I) a (VIII):

P1	(V)	S (V)	(O) (V) X
P1:	Tópico ou foco	prono- mes	conjunções subordina- tivas.
X: qualquer outro constituinte.			

Sendo assim, em: (I), (VI) e (VII): o Sujeito acumula as funções de sujeito e de tópico (P1). Em (II) e (V): anteposição ao verbo, Sujeito (Eu) (Manoel) é diferente do tópico (Cristina, As flores).

Em (III) e (VIII): o Sujeito é posposto ao verbo. O sujeito não é tópico nem é foco, não há razão pragmática para ocupar P1. O sujeito é parte de um bloco de informação que carrega a informação nova do enunciado (frase-comentário). A posição P1 é ocupada, respectivamente, pelo objeto e pelo verbo.

CAPÍTULO 2

A ORGANIZAÇÃO DA ORAÇÃO

O sintático é o nível mais abstrato da organização linguística e sua manifestação material (atualização) depende de fatores cognitivos e pragmáticos. Em outras palavras, os falantes da língua portuguesa têm mentalmente internalizados os padrões sintáticos disponíveis para essa língua, mas sua manifestação no uso efetivo da língua é pragmaticamente dependente, depende de fatores contextuais, situacionais e culturais, e de como esses falantes concebem e representam as experiências do mundo.

A organização sintática básica: o predicado e a estrutura argumental

A organização sintática básica se instaura a partir de elementos principais e secundários à representação do EsCo. São elementos fundamentais, o predicado e os argumentos. São elementos secundários os circunstanciais e/ou adjuntos. A fim de melhor compreensão, apresento esses elementos e a relação que mantêm entre si de maneira esquemática, para, em seguida, tratar de cada um deles:

- A estrutura sintática se organiza em torno de um predicador/predicado.
- Predicado: nó central que dá unidade estrutural à frase. Função prototipicamente exercida pelo VERBO.
- Exemplos de predicados: CANTAR, AMAR, ENTREGAR, FAZER, PREOCUPAÇÃO, sobre etc.
- O predicador abre casas para serem preenchidas e seleciona elementos para com ele formarem a oração (ou sentença – S).
- Esses elementos são chamados ARGUMENTOS e eles apresentam determinadas características formais e semânticas a depender do estado de coisas (evento) que se quer representar. Diz-se, portanto, que um PREDICADOR ou PREDICADO seleciona ARGUMENTOS.
- O predicado e seus argumentos são selecionados a partir de regras e sob hierarquia, juntos formam a ESTRUTURA ARGUMENTAL.
- Os adjuntos e/ou circunstanciais não fazem parte da representação do EsCo, mas auxiliam na sua contextualização.

A estrutura argumental

A estrutura argumental (EA) é o molde a partir do qual a oração se estrutura. Ela tem natureza abstrata e se estabelece no nível pré-verbal, da elaboração das ideias. Trata-se de um padrão de representação mental que integra o nosso conhecimento sobre a gramática da língua e que representa as relações entre as entidades envolvidas em um Estado de Coisas e o predicado que o descreve. Esse padrão prevê tanto o número de entidades (valência) quanto os papéis semânticos que elas assumem nessa representação.

A estrutura argumental prototípica se organiza a partir de um Sintagma verbal (SV), que, no nível semântico, constitui o predicado, e por dois Sintagmas Nominais (SN), que ele seleciona, os ARGUMENTOS.

Neves (2000, p. 23) explica a especificação da estrutura argumental nos seguintes termos:

“Ao predicado – que designa propriedades e relações – se aplica um certo número de termos que se referem a entidades, produzindo uma predicação que designa um estado de coisas, ou seja, uma codificação linguística que o falante faz da situação. Os predicados são semanticamente interpretados como designadores de propriedades ou relações, e suas categorias são distintas segundo suas propriedades formais e funcionais”.

Essa designação é operada pela transitividade e a estrutura argumental prototípica representa uma oração transitiva direta. Ela é uma espécie de modelo de onde se pode projetar os demais padrões oracionais e é organizada a partir do seguinte esquema:

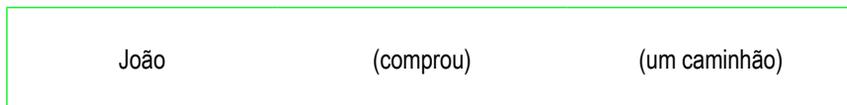
Figura 7 - Organização da oração transitiva prototípica no nível pré-verbal, da pré-especificação do predicado

(Arg1)	(Predicado)	(Arg2)
(SN1)	(SV)	(SN2)
(João)	(compr-)	(um caminhão)

Fonte: Elaboração própria.

Sintaticamente, o argumento 1 (Arg1), chamado argumento externo, geralmente equivale ao mesmo elemento que exerce a função sujeito, mas não se confunde com ele. O argumento 2 (Arg2) exerce a função complemento ou objeto. O verbo é selecionado do nosso repertório lexical mental, no entanto, é no fluxo da fala que a oração se organiza em sua plenitude, através das relações de predicação.

Figura 8 - Organização da oração transitiva prototípica no nível verbal, da predicação



Fonte: Elaboração própria.

A predicação

“A predicação é o processo pelo qual se institui uma oração” (Neves, 2015, p. 15)

Com base na definição de Neves (2015, p.15), a predicação é, portanto, a relação sintático-semântica estabelecida entre o predador e seus argumentos e se estabelece a partir da estrutura argumental. Como já foi dito anteriormente, é no nível da predicação que são distintos os papéis semânticos dos argumentos, (agente, paciente, afetado, objeto, receptor, experienciador etc.), e que se projeta a perspectiva a partir da qual o EsCo é representado, o que vai estabelecer as funções sintáticas, ou seja, as funções de sujeito e complemento (objeto). É nele também que são especificadas as informações de Tempo, Modo, Concordância de Número e de Pessoa etc. Esse é o nível da efetiva realização linguística.

Estão envolvidas na instituição da predicação relações fundamentais para a constituição da sentença, como, hierarquia, seleção, complementação e adjunção. As relações hierárquicas preveem que os elementos da sentença não estão em uma relação linear, mas se organizam em torno de núcleos, conforme já foi anteriormente mencionado.

Assim: a oração “*eu briguei com a menina na escola*” pode ser hierarquicamente minimamente decomposta em [eu] [briguei][com a menina] [na escola].

Em que *[eu]* e *[com a menina]* são argumentos, elementos exigidos pelo verbo *brigar*, e sua seleção oferece informações suficientes para se descrever um estado de coisas (Alguém brigar com alguém).

Já *[na escola]* não é exigido pelo verbo, mas ajuda a compor a cena que se quer descrever, a cena discursiva, acrescenta uma circunstância do evento.

Assim: *[eu]* e *[com a menina]* são constituintes que mantêm uma relação de complementação com o predicado (*brigar*), são argumentos, complementos, e, *[na escola]* mantém uma relação de adjunção, é um elemento satélite, traz informação secundária, é um adjunto.

ENFIM:

- São dessas relações fundamentais que vamos tratar daqui por diante, especialmente, da predicação, da relação de complementação; da constituição do predicado; e, tangencialmente, da adjunção e das circunstâncias que envolvem a ocorrência dos estados de coisas, como aquelas que envolvem a determinação do tempo, aspecto, modo e voz.
- Tudo isso será estudado a partir de uma perspectiva funcional da organização oracional.
- Isso significa dizer que sempre procuraremos apresentar a uma motivação cognitiva, social e interacional (semântica e discursivo-pragmática) para a organização sintática.

Castilho (2010, p. 267) diz que as línguas se distinguem segundo exijam (i) preenchimento obrigatório ou não obrigatório dos argumentos sentenciais, caso em que elas admitirão a chamada “categoria vazia”, (ii) adjacência estrita ou não estrita do argumento em relação ao predicador, caso em que se estudarão as fronteiras permeáveis ou não à inserção de elementos”.

Nós vamos para casa / vamos para casa;

Chove / It rains;

*João, comprou um carro / João, o filho de Maria, comprou um carro.

CAPÍTULO 3

A CONSTITUIÇÃO ARGUMENTAL E AS FUNÇÕES SINTÁTICAS BÁSICAS

Introdução

A seleção e a conexão de argumentos a um predicado levam à saturação desse predicado. Quando o predicado é saturado e são satisfeitas as condições de tempo, modo, voz e concordância (número, pessoa e gênero), dá-se a predicação. A saturação do predicado envolve:

- a) atualização (realização) da capacidade de representação de um EsCo.
- b) atendimento de todas as exigências sintático-semântica para representação de um EsCO.

16) o vidro assim não muito grande assim eu pegava **eu quebrei o vidro** assim da... assim meu irmão dormia na beliche (Fala goiana).

Assim, como se observa em (16): o predicado “quebrar” seleciona dois argumentos, *eu* e *o vidro*, as entidades envolvidas no EsCo representado pelo predicado.

A relação entre o predicado e seus argumentos

O argumento 1 e o argumento 2 mantém uma relação de complementação com o predicado (prototipicamente, o verbo). Os exemplos a seguir distinguem os tipos de relação que cada argumento estabelece com o predicado na descrição do EsCo.

Exemplo: [[Arg 1] [tomar] [Arg 2]]

17) a. **João tomou** a sopa / **O cachorro tomou** a sopa.

João tomou banho / **O cachorro tomou** banho.

João tomou impulso / **O cachorro tomou** impulso.

b. **João tomou a sopa.**

João tomou impulso.

João tomou uma atitude.

Os exemplos em (17) mostram que a relação entre o verbo e o argumento (2) é mais direta, mais estreita. Ela determina diferentes estados de coisa, o que não ocorre entre o verbo e o argumento (1). Já a relação entre o argumento 1 e o verbo parece se estabelecer em um nível diferente da relação predicativa, no nível da predicação, pois ao se preencher a casa do argumento 1, este elemento incide, tem escopo, sobre o verbo e o argumento 2, saturando o predicado.

Por isso, se diz que o argumento 1 mantém uma relação de **especificação** com o verbo, é o seu **argumento externo**. Já a relação entre o verbo e o argumento 2, é, de fato, uma **relação de complementação**, o argumento 2 é o argumento interno ao predicado.

O argumento 1

Muitas vezes a seleção do argumento 1 envolve escolher de quem se fala, logo, escolher o controlador da concordância (o sujeito). Isso acontece porque prototipicamente argumento 1 e sujeito são funções relativas a um mesmo elemento referencial (no mundo), e, conseqüentemente, linguístico.

Essa coincidência faz que muito comumente, o argumento 1 ou **argumento externo** seja reconhecido como o **sujeito** da oração e o **argumento interno** ou argumento 2 como o **complemento**, o objeto. No entanto, argumento e sujeito são funções distintas e são funções exercidas pelo mesmo elemento referencial apenas nas orações ativas e nas declarativas.

Assim, por exemplo, o predicado (verbal) *ferir* seleciona dois argumentos, os quais desempenham os papéis semânticos de agente e de paciente.

18) Garoto de 14 anos fere estudantes.

O argumento externo, agente, *garoto de 14 anos*, é selecionado pelo verbo e, também, é o sujeito da oração, ou seja, além de saturar o predicado, atribui *status* oracional à predicação, ao estabelecer concordância de número e pessoa, e atribui caso nominativo ao argumento 1.

19) Estudantes são feridos por garoto de 14 anos

Em uma oração passiva (19), os argumentos interno (*estudantes*) e externo (*garoto de 14 anos*) é que assumem a função de sujeito e de complemento, respectivamente. Em outras palavras, o argumento interno de um verbo, em uma oração passiva, assume a função de sujeito sintático, determinando concordância e atribuindo caso nominativo ao argumento 2.

Denomina-se **caso** a relação morfosintática que estabelece aos argumentos as funções gramaticais ou sintáticas de sujeito (nominativo), objeto direto (acusativo) e objeto indireto (dativo, em verbos trivalentes, ou oblíquo, em verbos bivalentes).

Sendo assim:

- O predicado *ferir* projeta a seguinte estrutura argumental: (Arg 1) (ferir) (Arg 2).

Na voz ativa, a ordem e as funções dos elementos na sentença seguem a EA: (SN) (ferir) (SN) = (Garoto de 14 anos) (ferir) (estudantes). Caso nominativo (sujeito, arg 1), caso acusativo (objeto, arg 2) = **Garoto de 14 anos fere estudantes**

Já na voz passiva: Caso nominativo (sujeito arg 2), caso oblíquo (objeto arg 1, recebe caso da preposição) = **Estudantes são feridos por garoto de 14 anos.**

Conclusão, não se deve confundir o sujeito com o argumento externo ou argumento 1, são funções distintas na organização oracional.

Diferenças entre argumentos e funções sintáticas

- Os argumentos** (1, 2, 3...) são estabelecidos **no nível da escolha do predicado** (pré-verbal). Sua seleção é resultado do nosso conhecimento a respeito da constituição dos estados de coisas e das entidades neles envolvidas.
- As funções sintáticas sujeito e complemento** (objeto direto e objeto indireto): são estabelecidas no **nível da predicação** (no processo de saturação do predicado), resultado de implicações pragmáticas e discursivas na especificação da transitividade.
- Sujeito**: função sintática do elemento argumental que recebe caso nominativo, controla a concordância (orienta a flexão verbal de tempo e pessoa) e tem uma relação indireta com o predicado na descrição do estado de coisas, prototipicamente é uma função exercida pelo argumento 1.

d) Complemento: elemento argumental que mantém uma relação estreita com o predicado (verbal ou nominal), cumprindo a função sintática de objeto (direto ou indireto) ou de complemento nominal (predicativo), prototipicamente é uma função exercida pelo argumento 2.

A função sujeito

Controvérsias e equívocos sobre a natureza e a definição da função sujeito

A função **sujeito** é uma das temáticas mais controversas entre as abordagens tradicional e linguística da gramática das línguas. Nos estudos da língua portuguesa, essa controvérsia envolve especialmente a sua definição como categoria da gramática e seu papel na representação do significado. Isso ocorre devido à complexidade dessa função, e devido ao fato de que sua definição exige uma visão integrada dos níveis de constituição linguística.

Para trazer um pouco de luz a essa discussão, apresento a seguir duas perspectivas, uma tradicional, que ainda não apresenta um ponto de partida comum, e a perspectiva linguística funcionalista, que tenta trazer uma definição cientificamente embasada.

1. A noção de sujeito no senso comum

Sujeito é o **ser** que pratica a ação.

Equívoco: confusão com o papel semântico (agente), sujeito relacionado ao agente, função semântica. Não considera o sujeito causa, beneficiário, experienciador etc., outros tipos semânticos do elemento que ocupa a função sujeito. Exemplo: A chuva provocou inundações.

Causa do equívoco: no uso da língua, prototipicamente, tema, sujeito e agente ocupam a mesma posição na estrutura oracional e são funções confinadas a um único elemento referencial. Além disso, predicados de ação são básicos na organização da gramática da língua: *andar, dar, fazer* etc.

2. O sujeito na perspectiva da Gramática Tradicional: em gramáticas, manuais de gramáticas e livros didáticos (equivocados)

- a) O sujeito é o **ser** de quem se diz algo. (Rocha Lima, 1972, p. 234);
- b) O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração. (Cunha, 1989, p. 137) e (Cunha; Cunha, 1997, p. 89);
- c) Sujeito é o elemento a respeito do qual se informa algo. (Terra; Nicola, 1996, p. 137);
- d) Sujeito é o termo sobre o qual se declara alguma coisa (Maia, 2000, p. 296).

Equívoco: sujeito tratado como uma entidade do nível informacional da frase, confundido com **tema**.

Tema: de quê ou de quem se fala; primeiro elemento da estrutura oracional. O que o falante tem em sua mente como ponto de partida da oração em termos informacionais, de conteúdo.

Rema: o que se diz do tema. Noções muito confundidas com sujeito e predicado.

No uso da língua: sujeito e tema se confundem apenas nas declarativas (não nas interrogativas ou nas imperativas). O tema natural (não-marcado, prototípico) é o sujeito.

Voz ativa e voz passiva: diferente seleção temática e diferentes sujeitos.

3. Outras definições de gramáticos tradicionais

- e) Sujeito é o termo que estabelece concordância com o verbo. (Nicola; Infante, 1997, p. 248).
- f) O sujeito é o termo da oração que concorda em número e pessoa com o verbo. (Infante, 2001, p. 422).

Equívoco: trazem a função do sujeito, mas não a definem (Organização predicativa? Função sintática? Função argumental? Função enunciativa?).

- g) O sujeito é a unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração (Bechara, 1999, p. 409).

Vantagem: reconhece o sujeito como uma função gramatical, um componente básico da organização oracional, negando as concepções equivocadas de sujeito como *agente* e *paciente* ou como *tema* ou *tópico*.

Problema: não mostra as bases dessa organização sintática, ou seja, a estrutura argumental, o que faz sua abordagem incompleta.

4. O sujeito na perspectiva funcionalista

Numa perspectiva funcionalista ampla (Halliday, 1985), o texto (e a oração) é visto como organização da informação, como organização da interação e como organização semântica. A transitividade é a responsável pela organização semântica no nível oracional, é o sistema responsável pela seleção de processos e relações e de seus participantes, e, assim, pelo estabelecimento das funções sintáticas.

Nesses termos, **o sujeito é um elemento da cláusula como interação**. A função **sujeito gramatical** ou sintático é exercida por aquele elemento que é responsável pelo sucesso da cláusula em ser um ato de fala individual. O sujeito é o elemento que, acionando o sistema de flexão número-pessoal, dá à predicação o *status* de ato de fala.

A natureza do sujeito ou quem é o sujeito?

O sujeito é uma entidade de natureza sintática, mas é determinado pela função interacional da linguagem, pois escolher o sujeito implica determinar se ele será o falante (primeira pessoa), ou ouvinte (segunda pessoa), ou nenhum dos dois (terceira pessoa). (Neves, 1997). O sujeito ocupa uma posição hierárquica superior em relação aos outros elementos da oração básica, uma vez que controla a concordância e incide sobre os outros elementos da organização predicativa básica.



20) O João comprou um carro (João = é tópico e é sujeito).

20a) O João, ele comprou um carro (João é tópico, ele é sujeito).

O português brasileiro é uma língua de tópico, ou seja, uma língua em que tópico e sujeito podem ser funções desempenhadas por diferentes elementos da organização oracional (20a). O sujeito é uma unidade do nível oracional que se instancia no texto. A concordância estabelece o *status* oracional, sem a flexão não há oração. O sujeito tem sua atribuição no nível da predicação.

Sujeito e tópico

O sujeito também é muito confundido com o **tópico**, uma função pragmática que leva para uma posição de relevo um elemento de natureza argumental (1ª posição na Oração ou anteposto ao verbo). prototipicamente o sujeito e o tópico são marcados pelo mesmo elemento referencial (20).

Para alguns autores da gramática funcional só se denomina tópico o elemento deslocado que tem função argumental, e, que, muitas

vezes se confunde com o tema, uma categoria do nível informacional relativa à de que ou de quem se fala (que pode ser ou não argumental). Bagno (2012) identifica como tópico todos os elementos em itálico nas orações a seguir, ou seja:

- a) *Todo santo dia* a Lurdes tem vindo aqui em casa [adjunto adverbial];
- b) *Para a Eunice* você já telefonou? [objeto indireto];
- c) *Daquelas brigas diárias* minha mãe não tem nenhuma saudade! [objeto indireto];
- d) *Tão feliz* a noiva parecia quando saiu da igreja! [predicativo];
- e) *Por todos* você sempre foi muito admirado! [objeto oblíquo];
- f) *De laranja* eu pedi o bolo não de fubá. [adjunto nominal];
- g) *O prefeito* com esses atrasos todos na obra está furioso. [sujeito].

Em resumo

Numa perspectiva funcionalista da organização sintática, que prevê a integração entre os níveis de constituição linguística, deve-se ter muito clara a diferença entre:

- a) argumentos e papéis semânticos (relativos à organização do predicado);
- b) sujeito e complemento (relativos à organização da predicação);
- c) tema e rema (relativos ao nível informacional);
- d) tópico (relativo ao nível pragmático).

Muitas vezes essas funções estão concentradas em um único constituinte da oração e representam um mesmo elemento referencial, é possível distingui-las, conforme demonstrado a seguir, sob inspiração de Neves (2002):

21) Os veteranos ofereciam um piquenique aos...calouros... em Mangaratiba (DID SSA)

Arg 1	Predicado	Arg 2	Arg 3	Satélite/Adjunto
Agente		Objetivo	Beneficiário	Locativo
Sujeito		Objeto direto	Objeto indireto	Adjunto
Tema				
Tópico				

a) Um piquenique foi oferecido aos calouros pelos veteranos... em Mangaratiba

Arg 2	Predicado	Arg 3	Arg 1	Adjunto
Objetivo		Beneficiário	Agente	Locativo
S		OI	OObI.	ADJ
Tema				
Tópico				

b) Pelos veteranos, um piquenique foi oferecido aos calouros em Mangaratiba

Arg 1	Arg 2	Predicado	Arg 3	Adjunto
Agente	Objetivo		Beneficiário	Locativo
OObI.	S		OI	ADJ
Tema				
Tópico				

A constituição e a funcionalidade do sujeito

Castilho (2010) mostra que a concordância sujeito e verbo na língua portuguesa pode ser explicitada por sujeitos nominais (22), sujeitos pronominais plenos (23) e nulos (24).

- 22) ...e agora o menino quer judô (D2 SP);
- 23) Eu levei as minhas filhas. Elas adoraram, né? (DID POA);
- 24) Elas gostam. Elas pedem licença aqui no Colégio Maria Goretti aqui de cima e [...] vão jogar vôlei. (DID POA).

“O jogo da linguagem é alguma coisa que faz parte de tudo o que as pessoas fazem na vida e da vida, de como elas se apresentam, pedem e dão, modificam os outros, se modificam, enfim, cada peça do jogo é essencial no todo da interação e da co-participação, e, por isso, a movimentação de cada peça é sempre uma escolha. Aqui no nosso caso, deixar um sujeito não expresso, colocar como sujeito um sintagma nominal (menino) ou um pronome (ele), tudo representa escolha, e sempre com razões e consequências.” (Neves, 2010, 9 p., Revista Língua)

A determinação do sujeito

Para se compreender como o sujeito é determinado no nível oracional, cabe reconhecer que:

- O sujeito tem a transitividade como fator determinação.
- A transitividade especifica diferentes tipos de EsCo e a estrutura pelas quais eles são expressos.
- Transitividade vem de *trânsito* e diz respeito à relação de significação, seleção e articulação entre o verbo e os argumentos. A transitividade é de natureza semântica, sua especificação tem motivação pragmática, e se reflete na organização sintática.

Por isso, a semântica do verbo (logo, o tipo de EsCo) vai determinar os traços semânticos dos argumentos.

25) eu fiis dois quadros... aí **eu dei um [quadro] pra ela...** e... e fiquei com um. (Fala goiana).

25a) [(Eu) [(dei) (um quadro) (pra ela)]]

? [(João) [(deu) (febre)]]

? [(A roseira) [(deu) (flor)]] [(A roseira) [(deu) (flor)]]

? [(João) (se) (deu) (bem)] [(João) [(se) (deu) (bem)]]

[(Maria) [(deu) (à) (luz)]]

*[(João) [(deu) (à) (luz)]]

Nesse tipo de construção (dar febre, dar flor, se dar bem, deu à luz, dar uma olhada, dar uma volta), geralmente, se reconhece que o complemento, ocupante da casa do argumento 2 foi abstratizado e passa a compor o que se conhece como predicado suporte, quando um verbo de semântica esvaziada se junta a um nome (originalmente um complemento) para compor o centro lógico-semântico da oração. A separação entre colchetes objetiva mostrar como o tipo de EsCo a ser representado vai determinar a especificação da transitividade, mas verbo e nome formam um todo semântico, conforme se observa nos exemplos a seguir.

26) [...] eu dei uma olhada assim pra minha mão... (Fala goiana).

27) [...] às quatorze horas, resolvi colocar minhas bagagens no Porta-malas da Estação e dar umas voltinhas no centro da cidade que ficava no mesmo bairro da Rodoviária. (Discurso & Gramática).

Particularidades no estabelecimento do sujeito na língua portuguesa

I. O caso das orações intransitivas (verbos inacusativos e inergativos)

Existem alguns tipos de predicados que selecionam um só argumento e o único argumento selecionado pelo verbo nem sempre ocupa a posição prototípica do argumento 1, deixando dúvidas a respeito de seu *status* argumental, se é interno ou externo ao predicado. Nesse caso, aparece também outra dúvida: quem será o sujeito??? Isso ocorre quando o predicado é constituído por verbos inacusativos ou inergativos, por exemplo.

Os **verbos inacusativos**: apresentam um único argumento o qual é associado à posição de complemento, e este vem geralmente posposto ao verbo. São verbos como *sumir*, *cair*, *desaparecer*. Logo, selecionam um argumento interno (AI) (*Sumidos*, *caídos*, *desaparecidos* os últimos combatentes, a batalha terminou). Este único argumento é candidato a ser o sujeito, haja vista que controla a concordância.

Os **verbos inergativos**: apresentam um único argumento também intransitivos como *tossir* e *espirrar* que selecionam um único argumento externo (AE), que também será o sujeito. A diferença em relação aos verbos inacusativos está no fato de que esse argumento já nasce na posição prototípica de sujeito no nível pré-verbal, pois, quando submetidos a testes de conversão em participio absoluto, na maioria dos casos, a sentença resultante é agramatical, o que não ocorre com os inacusativos. A Maria *tossiu/espirrou/dormiu* (** *Dormida/tossida/espirrada* a Maria, todos ficaram preocupados).

Em termos de Pedroso (2019, p. 2-4), interpretando Nascimento (2014, p. 239), “um verbo inergativo tem seu argumento gerado como AE; já no caso dos inacusativos, o seu único argumento é gerado na posição de AI”. Em resumo, “os verbos inergativos e inacusativos são monoargumentais e seu único argumento recebe apenas caso nominativo, no entanto, as posições de origem desses argumentos são diferenciadas.”

Quadro 3 - Lista de verbos inacusativos e inergativos em Português

Inacusativos – 39 verbos				Inacusativos e Inergativos – 2 verbos	Inergativos – 16 verbos	
absceder	crescer	escorregar	quedar	dormir	balar	saltitar
adoecer	decair	evoluir	rançar	flutuar	bocejar	serpentear
amanhecer	desabrolhar	falecer	reluzir		caminhar	sorrir
aparecer	desaparecer	falir	retinir		coaxar	surfear
arder	deslizar	ferver	ruir		cricrilar	trotar
bichar	doer	flamejar	sair		cucuricar	voar
brilhar	durar	fracassar	tremer		espirrar	
caducar	emagrecer	morrer	tropeçar		ladrar	
cintilar	entrar	nascer	vegetar		latir	
constar	escampar	partir			marchar	

Fonte: Pedroso, 2019, p. 20.

II. Os casos de *preenchimento ou não da casa argumental pelo sujeito*

Na língua portuguesa, há verbos que não selecionam sujeito. A casa à esquerda da estrutura argumental fica vazia no nível pré-verbal e no nível discursivo, diferentemente de línguas como o inglês, por exemplo, em que a casa do argumento 1 deve ser obrigatoriamente preenchida por um elemento formal.

- 28) Trovejou muito àquela noite no Serra Dourada. (Ex. verbo representativo de fenômeno da natureza, trovejar, nevar, chover).
- 29) Há muitas flores no parque Flamboyant. (Com verbos existenciais ou representacionais).

Explicando: A não seleção de argumento pela estrutura argumental do verbo *haver* implica e explica a falta de concordância desse verbo com o único elemento argumental que o acompanha, o qual, obviamente, não será o sujeito. Resulta de um aspecto lógico da linguagem: não há um acionador do evento no mundo extralinguístico, não há sujeito, não há concordância.

- ❖ Há verbos que selecionam sujeito, mas não há a especificação do referente, que pode ou não ser recuperado caso seja discursivamente relevante.

30) ... porque o problema que acontece () é que **eu não vou** chegar em Belo Horizonte no mesmo dia...**vou** ter que dormir ou em Conquista ou dormir na divisa...ou em Teófilo Otoni se o tempo der...eu acho (NURC).

Em (30), a recuperação do referente (o falante, a 1ª pessoa) ocorre a partir da flexão verbal e pela referência anafórica de **eu**, introduzido anteriormente no discurso.

- ❖ A omissão do sujeito também pode ser dar por fatores contextuais ou pragmáticos

31) é...como a gente tá num papo que vai demorar um pouquinho de tempo que não adianta mesmo a gente querer (risos) alinhar a conversa né? o que acontece é o seguinte o grande mal das estradas brasileiras é o mesmo troço do sujeito fazer uma casa...entendeu...com uma lagezinha bem fininha e botar em cima um depósito de/ de/ de PEso muito grande...a casa cai...entende...é o mesmo caso das estradas brasileiras... **dimensionou-se...foram dimensionadas** as estradas para um tráfego muito mais leve do que elas estão suportando...então vem aquele negócio da lei da balança (NURC).

Em (31), o tema em discussão é polêmico. O falante não tem como identificar o referente (quem dimensionou as estradas brasileiras), ou não quer, não pode identificar e opta pela impessoalização e pela voz passiva, mecanismos de omissão da marca lexical do sujeito.

Os efeitos discursivos do estabelecimento do sujeito

O estabelecimento do sujeito no nível do texto obedece a normas sintáticas, semânticas, estilísticas, argumentais e também está profundamente correlacionado ao gênero discursivo-textual. A seguir, apresento um exemplo dos seus efeitos discursivos na constituição do gênero fábula e do gênero reportagem:

❖ No gênero fábula:

O lobo e o cordeiro

(Esopo, adaptações de Joseph Shafan, 2008, e de Carlos Pinheiro, 2012).

Em um pequeno córrego, bebia água um Lobo esfomeado, quando chegou, mais abaixo da corrente de água um Cordeiro, que começou também a beber.

O Lobo olhou com os olhos sanguinários e arreganhando os dentes disse:

- Como ousas turvar a água onde bebemos?

O Cordeiro respondeu com humildade:

- Eu estou abaixo de onde bebes e não poderia sujar a tua água.

O Lobo, mostrando-se mais raivoso tornou a falar:

- Ainda respondes, insolente? Há seis meses teu pai também me ofendeu!

Respondeu o Cordeiro:

- Creio que há um engano, porque eu nasci há apenas três meses, e, por isso, não tenho culpa.

O Lobo replicou:

- Tens culpa pelo estrago que fizestes pastando em meu campo.

Disse o Cordeiro:

- Isso não parece possível, porque ainda não tenho dentes.

O Lobo, sem mais palavras, saltou sobre o Cordeiro, e o comeu.

Moral da história: Claramente se mostra nesta Fábula que nenhuma justiça nem razões valem ao inocente para o livrarem das mãos de um inimigo poderoso e desalmado. Há poucas cidades ou vilas onde não haja estes Lobos que, sem causa nem razão, matam o pobre e lhe chupam o sangue, apenas por ódio ou má inclinação (Carlos Pinheiro, 2012).

Essa fábula apresenta-se na forma canônica do gênero e traz duas personagens em um diálogo, as quais são introduzidas a partir de sujeitos nominais (O Lobo e o Cordeiro). Elas são identificadas e são distintas no diálogo repetidas vezes.

Essa repetição dá fluidez ao diálogo, ajuda na construção dos efeitos psicológicos e do embate argumentativo, e aumenta a dinâmica da trama. A cada intervenção do Lobo, o Cordeiro responde numa tentativa de salvar-se. O autor/tradutor em nenhum momento do desenvolvimento da trama substitui os nomes por pronomes, por exemplo, o que poderia causar ambiguidade e, também, diminuir o efeito de tensão e suspense que vai construindo ao longo do texto, pois os itens lexicais (nomes, verbos, adjetivos) apresentam mais carga semântica que os itens gramaticais (pronomes, preposições, conjunções etc.), logo, são mais informativos. Somente no desfecho ocorre um único pronome, em substituição a “Cordeiro”, e ali, a supremacia do “Lobo” é reforçada pela marca nominal.

❖ No gênero reportagem:

Diferentemente do gênero fábula, o gênero reportagem é em um texto relativamente longo em cuja progressão temática se apresentam fatos inusitados e/ou aspectos interessantes da vida de uma pessoa.

Isabel Allende

Há alguns anos Isabel Allende foi chamada para ir à escola de sua neta. A professora então entregou a ela uma carta escrita em sala de aula que dizia: “Minha família não é interessante. A única pessoa interessante da minha família é minha avó, porque ela tem uma grande imaginação.” Isabel achou graça. Voltou para casa e perguntou à neta o que ela queria dizer com “grande imaginação”. “Você consegue se lembrar de coisas que nunca aconteceram”, disse a menina. São essas memórias de coisas que nunca aconteceram que fazem a escritora chilena – 70 anos, 20 livros e 60 milhões de exemplares vendidos – suportar, dirigir e apreciar a vida.

Quando com 30 anos ela saiu de Santiago do Chile para escapar da ditadura que tirou seu primo, Salvador Allende, do poder, pretendia mudar o mundo, começando pelo fim do patriarcado. Desde muito cedo, ainda menina, havia se revoltado contra qualquer forma de autoridade masculina: o avô, o padrasto, a Igreja, a polícia, o governo, os chefes. E no começo dos anos 1970, enquanto o Chile se entregava a um período de trevas, nas Europa e nos Estados Unidos as mulheres estavam saindo de suas tocas, escrevendo histórias e alardeando o desejo de transformar a realidade ao redor. Isabel, que trabalhava como jornalista, sabia disso. E, em busca da construção de um mundo mais feminino, foi para a Venezuela com o marido e os dois filhos. Lá viveriam por 13 anos.

Com o fim do casamento, entretanto, a vida mudaria outra vez. Em 1989, apaixonada por um advogado americano, ela emigrou para os Estados Unidos a fim de viver outra história de amor. Hoje, mora com o marido em San Rafael, Califórnia – perto de seu filho, de seus netos e da família estendida.

MITREVISTA. São Paulo: Custom Editora, 2014, p. 54 (fragmento).

No texto em análise, são apresentados aspectos interessantes da vida de Isabel Allende. Para promover os efeitos de sentido pretendidos, entre os quais, formar uma rede de informações a seu respeito, o estabelecimento do sujeito se dá por hiperonímia: nome próprio completo (dá relevo, importância ao referente) > 1º nome (intimidade, identificação com o leitor) > pronome (você, diálogo e intimidade com a neta) > expressão qualificativa (escritora chilena).

Uma vez estabelecida a relevância da personagem da reportagem, e, pressuposto o envolvimento do leitor com o tema, aí, sim, o estabelecimento do sujeito é feito através de pronomes ou formas vazias (*ela*, *0*), como em “*pretendia mudar o mundo, começando pelo fim do patriarcado*”.

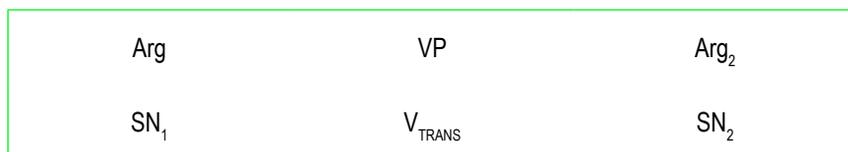
A neta de Isabel em nenhum momento é referida pelo nome, apenas pelo seu qualificativo, a fim de preservar o seu lugar coadjuvante na cena discursiva. Pelo mesmo motivo, assim é referida a professora.

O argumento 2

A função complemento ou objeto

Para o estudo do argumento 2, temos que ter em mente a estrutura argumental prototípica

Figura 9 - Esquema da estrutura argumental prototípica



Fonte: Elaboração própria.

Enquanto o sujeito, função geralmente exercida pelo arg1, é hierarquicamente poderoso, controla a concordância, prototipicamente exerce função temática, é o ponto de partida da atividade enunciativa; o complemento, função prototipicamente exercida pelo arg2, forma um todo semântico com o predicado para descrever o estado de coisas.

A especificação do objeto na língua portuguesa

Na língua portuguesa, o objeto pode ser nominal, pronominal ou implícito. Aliás, na variedade brasileira, o objeto é preferencial-

mente implícito em caso de facilidade de recuperação do referente no curso da interação (Filletti, 2014). Esse fenômeno linguístico é correlacionado às questões de economia linguística e de garantia de fluxo da informação.

Tipologia sintática dos complementos

Castilho (2010) descreve três tipos de distinguem os complementos em objeto direto, objeto indireto e complemento oblíquo.

O objeto direto

O **objeto direto** mantém uma relação de dependência semântica direta com o verbo na descrição do EsCo, não há material preposicional interveniente a eles. Assim como o objeto indireto, pode ser codificado, preenchido, por sintagma nominal de núcleo nominal ou pronominal e por sentença substantiva objetiva direta; sua posição prototípica é pós-verbal; tem papel semântico prototípico de paciente ou afetado. É equivalente, proporcional, aos pronomes acusativos *ele/o*; na oração passiva, ainda que tenha o status de arg2, devido à sua relação direta com o verbo, assume a função de sujeito.

32) Beto colocou o lixo no lixeiro (voz ativa, objeto nominal)

Beto colocou **ele/o** no lixeiro (voz ativa, objeto pronominal)

O lixo foi colocado **por Beto** no lixeiro (voz passiva, argumento 2 sujeito, objeto oblíquo)

Beto disse que **a Tatá chegará amanhã**. (objeto oracional de oração substantiva)

O Objeto direto nem sempre é preenchido. Tarallo (1983) demonstra que, do século XVIII ao século XX houve uma queda que vai de 82% a 18% de realização da marca do objeto direto, sendo que na maioria das ocorrências de fala no PB, o objeto direto é preenchido por uma categoria vazia:

- 33) Doc: [...] nessa fase dos dezessete anos no Santa Helena... o que você lembra de bom... o que que você fazia nessa época...?
Inf. ah::... eu comecei a conhecer tipo assim... os namoradinhos...
Doc. você conheceu o seu marido onde?
Inf. Conheci \emptyset na igreja... na igreja... foi na igreja ... foi na igreja.. foi meu primeiro namorado... (Fala goiana – adaptada).
- 34) Pl.: [...] os pais levava as crianças na igreja...e ali batizavam \emptyset e crismavam \emptyset ... faziam até consagração... (Fala goiana – adaptada)

Duarte (1989 *apud* Castilho, 2010, p. 302), ao tratar dos aspectos linguísticos e extralinguísticos correlacionados à realização ou à não realização da marca do objeto direto e, ao distinguir as estruturas oracionais em simples e em complexas, constatou que:

- ❖ Se o falante constrói uma oração simples, maior é a chance de o OD ser elidido, suprimido.

35) Conta essa história do seu avô de novo.

36) Você já contou \emptyset pra ele?

- ❖ Se o falante constrói uma oração complexa, maior é a possibilidade de explicitação do OD, por meio do pronome (ele) ou de uma sentença infinitiva.

37) Eu não tenho nada pra reclamar não. Eu acho **ela** sensacional.

38) Eu queria ter uma irmã. Eu acho **ter uma irmã** tão bom!

A colocação prototípica do objeto direto, e também do OI, é depois do verbo, mas, pesquisas como a de Braga (1989), mostram que

o deslocamento à esquerda do OD, o que o faz assumir a função pragmática de tópico, é uma estratégia discursiva muito produtiva para o falante do PB:

39) **Uma irmã**, eu queria ter.

As pesquisas de Braga (1989 *apud* Castilho, 2010, p 304) revelaram que esse deslocamento é favorecido por OD pronome demonstrativo neutro (não específico); OD codificador de entidades inferíveis e evocadas e apenas secundariamente entidades novas; OD que implicam numa retomada de item anteriormente mencionado, o que faz da função objeto um fator de coesão textual (no nível textual), como é o caso a seguir, em que o objeto direto é topicalizado em contexto de fala sobre a relação do falante com sua família:

40) [**meu vô e minha vô por parte de mãe**] eu vi [] uma vez praticamente, porque eu morava lá em Brasília (Fala goiana)

O objeto indireto

O objeto indireto mantém uma relação de complementação indireta com o verbo na descrição do EsCo, por isso, há material preposicional interveniente a eles. Durante muito tempo pensou-se que a preposição definiria o objeto indireto, mas essa generalização fez gerar muitas controvérsias nos estudos gramaticais. A grande dúvida é se o elemento que vem depois da preposição foi exigido (selecionado) pelo verbo ou pela preposição. E essa dúvida decorre do fato de que algumas preposições, como, *sobre*, exigem um locativo (*a mesa*), e assim como alguns adjetivos (*preocupado com*) e alguns advérbios (...) têm capacidade predicativa (de selecionar elementos para expressar determinados estados de coisas). Por esse motivo, distingue-se objeto indireto de objeto oblíquo.

O objeto indireto é representado por um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição **a** ou **para**. (Raposo, 2020, p. 368, Castilho, 2010). Os elementos que os representam são equivalentes aos pronomes dativos *me, te, lhe*; são preenchidos por sintagma preposicionado nucleado por *a* e *para* (preposições selecionadas por verbos como *pertencer, escrever, dar*).

41) O livro pertence **a mim, a ti, ao aluno**. (Pertence-**me, -te, lhe**).

42) A menina escreveu um email **aos amigos**. (escreveu-**lhe**).

43) Dou esta maçã **ao amigo**. (dou-**lhe**).

No caso de coorrência com um OD, quando ambos são pronominais, o PE tem restrições (o que não ocorre com o PB):

44) ? O diretor escreveu-**lhas**.

45) ? Esta maçã, dou-**lha/ta**.

O papel temático prototípico do OI é beneficiário. A posição básica do OI é posposta ao verbo e ao OD, caso este ocorra. O objeto indireto ocorre frequentemente em orações transitivas com verbos de transferência, como *dar, entregar, oferecer, receber, vender, transferir*, geralmente representando o indivíduo a quem se destina a entidade transferida (Raposo, 2021, p. 368).

O elemento originalmente objeto indireto (argumento 2 ou 3) não pode configurar como sujeito de uma oração passiva, ou seja, o evento nela descrito não pode ser estruturado a partir do beneficiário, paciente ou do afetado; pode coocorrer com um OD e, também, com OOBl.

46) João escreveu uma carta aos seus pais.

Uma carta foi escrita por João a seus pais.

A seus pais uma carta foi escrita por João.

O oblíquo

O objeto oblíquo não é reconhecido por muitos gramáticos. Ele também é denominado *complemento terminativo* / *complemento relativo*, e muitas vezes é considerado adjunto.

Castilho (2010), em consonância com Mira Matheus *et al.* (1989), apresenta a seguinte lista de sentenças para exemplificar o OObl (em negrito).

- 47) João pôs o livro **na estante**. (nela).
- 48) Saio **de casa** mal nasce **o dia** e volto ao recesso **do lar**. (**de lá**)
- 49) Viajei de Campinas **para São Paulo** pela rodovia Bandeirantes. (**daqui pra lá**)
- 50) Chego **ao trabalho** com um cansaço precoce, coisas da grande cidade. (**lá**)
- 51) Fui à festa com uma amiga e voltei **com outra**, não estou entendendo nada. (**fui lá com ela** voltei **com outra**.)
- 52) Preciso **de paciência**, caso contrário...(**disso**)
- 53) Não gosto de assistir **às novelas**. (**a elas**)

Os objetos oblíquos são proporcionais a pronomes-advérbios dêicticos ou à preposição + pronome; exploram com frequência o papel semântico locativo (em sua genericidade (nela)); como alvo (lá); origem e alvo (daqui para lá). Além disso, ocorrem como argumento interno único ou co-ocorrem com OD e com OI; ocorrem com mais frequência com verbo de movimento.

Raposo (2021, p. 368) diz que os complementos oblíquos se definem pela negação, ou seja, são aqueles que não configuram objeto direto ou objeto indireto. Geralmente são representados por pre-

posição ou por pronomes da série oblíqua: mim, ti, nós, vós, ele(s), ela(s), si, que antecedem a preposição, como em: *Maria pensou nos seus filhos*. (em mim, ti, eles, si).

Mira Mateus *et al.* (1989 *apud* Castilho, 2010, p. 305) dizem que a troca da preposição **a** por **em** assegura que a mesma palavra ore funcione como objeto indireto ora como oblíquo.

54) Maria deu uma pintura às estantes. (deu-lhes) OI. B. Maria deu uma pintura nelas (OOBL).

Para explicar melhor a natureza do complemento oblíquo, Raposo (2021, p. 368) destaca:

- a) o seu papel na representação de localizações espaciais estáticas (estar em) e dinâmicas (lugar de origem, de destino ou de passagem), por isso, os sintagmas preposicionais podem ser intercambiáveis com advérbios locativos como *aqui, aí, ali, acolá, lá* etc.; e
- b) também seu papel como complemento de verbos de medida como *custar, durar, medir e pesar*, muitas vezes confundido com o objeto direto.

Novamente aqui, a transformação de voz ativa em voz passiva nega a sua identificação como objeto direto, uma vez que objetos diretos têm a propriedade de assumir a função de sujeito de orações passivas, o que não ocorre com os objetos oblíquos.

55) O gelato custou **cinco euros**.

* **Cinco euros** foram custados por esse gelato.

56) A aula dura **quatro horas**.

* **Quatro horas** foi durada a aula.

Na linearidade discursiva, nem sempre o objeto é explícito e isso ocorre por motivações discursivas. Filetti (2014) estudou os objetos

implícitos em uma variedade do português brasileiro, a fala goiana, e analisou esse fenômeno correlacionando-o à relevância das informações veiculadas.

Para isso, partiu da ideia de que o discurso, que pode ser considerado a projeção de uma cena, e, por isso, é organizado em planos, um plano mais central, a figura, e um plano periférico, o fundo. Para se ter um exemplo, num texto narrativo, a figura corresponde à parte do texto que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, *realis*, do domínio da certeza, da representação objetiva dos eventos, relativa às informações principais. O fundo, por sua vez, corresponde à descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos, do domínio do *irrealis*, da incerteza, da subjetividade, da representação dos eventos secundários.

Filetti (2014) se refere ao estudo de Gonçalves (2008, p. 108) a respeito da omissão do objeto, segundo o qual, nas orações coordenadas os Objetos Implícitos são menos frequentes por revelarem informações importantes para a manutenção da cena discursiva, enquanto nas orações subordinadas, o fato de essas informações já terem sido mencionadas, de alguma maneira na cena discursiva, passam a ser mais implicitadas. Filetti (2014) menciona a economia linguística como um mecanismo de coesão importante na omissão de objetos.

Portanto, em textos narrativos, o plano da figura pode favorecer o desenvolvimento das sequências discursivas, logo, favorecer a explicitude do objeto, já o fundo, que apresenta informações acessórias à narratividade, favorece os objetos implícitos, conforme se observa no exemplo a seguir:

- 57) P2: aí::: que nós nos mudamos aqui pro município... um tio meu comprou [1] aqui na... na Bom... Bom Jardim... aí... divisa com Bom Sucesso ... era muito amigo do meu pai...

onde meu pai estava... ele estava por ali trabalhando... aí ele comprou esse terreno aí... e fez meu pai vir para... morar com/eu e ajudar::: a formar [2]...era só mato...(Fala goiana)

O falante está narrando a mudança da sua família para a localidade de Bom Jardim, informação de plano de figura e introduz sua narrativa com uma oração com todos os argumentos explícitos. Na sequência, ao apresentar informações de plano de fundo, relativas ao motivo pelo qual ela foi para aquele lugar, os objetos “um terreno” e “o pasto” foram implicitados e recuperados ao longo do texto.

CAPÍTULO 4

O PREDICADO E A PREDICAÇÃO

Avançando no estudo da organização oracional básica, vamos nos dedicar ao predicado e, conseqüentemente, à predicação. Por isso, vale a pena lembrar...

O que é o predicado?

O predicado ou predicador é o centro lógico-semântico da sentença, da organização oracional. De onde partem as informações de codificação de um EsCo.

O que é a predicação?

É a relação a partir da qual um predicador atribui ou transfere papéis semânticos aos argumentos que seleciona. Na predicação é definida a codificação das relações de Tempo, Modo e Concordância, haja vista que ali também se estabelecem as informações enunciativas, a partir das quais a estrutura oracional se converte em um ato de fala.

A predicação

Como já dissemos anteriormente, predicar quer dizer “chamar”, selecionar. A predicação básica sustenta a estrutura oracional e se organiza a partir da estrutura argumental projetada pelo predicado, que é saturado quando todos os papéis temáticos ou argumentais são preenchidos por um argumento.

A relação de predicação não se esgota na estrutura argumental, ela é uma relação estabelecida em toda a estruturação da sentença.

Castilho (2010) explica que as relações de predicação ocorrem entre diferentes elementos da oração a partir do exemplo *Realmente, jogador alto ganha fácil a partida* e a sua decomposição predicativa e do reconhecimento que a oração apresenta informações interpessoais, subjetivas (*Modus*) e representacionais (*Dictum*):

Quadro 4 - Relações de predicação

Modus sentencial	Dictum sentencial				
	Sintagma nominal		Sintagma verbal		
				←fácil	
Realmente, →	jogador	←alto	←ganha→		a partida.

Fonte: Castilho, 2010, p. 244.

Tipos de predicado

Na língua portuguesa, a predicação pode ter vários tipos de codificação, pois várias categorias são capazes de descrever um EsCo. Entre os quais, destacamos aqueles organizadas em torno de um verbo, de um nome e de um complexo verbo-nominal:

a) **Predicado verbal:** o predicador é um verbo pleno, codifica um conceito, é lexical, remete a um evento do mundo.

58) Nós morávamos em Goiânia (Fala goiana).

b) **Predicado nominal:** o predicador é um nome (substantivo ou adjetivo). Nesse tipo de predicado, o verbo é do tipo cópula ou de ligação e cumpre funções sintáticas, carregando informações de tempo, modo e concordância número-pessoal.

59) Deus é **engraçado** em suas decisões (Fala goiana).

c) **Predicado verbo-nominal:** esse tipo de predicado codifica um EsCo complexo, que envolve representação de mais de um conceito ou experiência no mundo, e ambos estão mutuamente implicados, por isso, se organiza em torno de dois predicadores, um verbo pleno e um adjetivo (categoria de status nominal).

60) Eu **cuidei** dela **sozinha** (Fala goiana)

(Eu cuidei dela + Eu estava sozinha)

O predicado e a codificação de estados de coisas

O predicador estabelece uma certa perspectiva segundo a qual será conceitualizado o EsCo descrito, e antecipa quais dos participantes do evento serão necessariamente expressos.

Como já foi dito, um EsCo é concebido como algo que pode acontecer em algum mundo (real ou mental) e, assim, está sujeito a determinadas operações, como, ser localizado no espaço e no tempo; pode ter duração; pode ser visto, ouvido ou percebido”. (Neves, 2000, p. 23).

Numa visão funcionalista da linguagem, se distinguem os predicados a partir do EsCo que codificam, conforme critérios semânticos.

Ao EsCo, tudo o que acontece no mundo, estão relacionadas **entidades** (os elementos nele envolvidos). Os EsCo iniciam, terminam, são percebidos, vistos, sentidos, ouvidos, são frequentes, graduais etc.

61) Eu **ganhei** uma boneca (Fala goiana).

É o plano mais próximo do concreto, mas não se deve confundir o EsCo com o verbo, que é a sua representação, a codificação do EsCo.

Hengeveld (1989), considera a oração ou sentença como portadora de um conteúdo/mensagem e, ao mesmo tempo, como um elemento de interação propõe uma representação estrutural da sentença em camadas. Segundo essa visão, os enunciados podem ser analisados em duas camadas ou níveis: um no qual o EsCo é descrito de modo a dar ao interlocutor condições de compreender se a situação referida é real ou hipotética, diz respeito ao evento descrito, ao nível representacional; e outro no qual essa situação é representada de modo a dar ao interlocutor condições de reconhecer qual a intenção comunicativa do falante, diz respeito ao evento de fala, ao nível interpessoal. E aqui as reflexões de Hengeveld (1989) se encontram com a noção de funções da linguagem proposta por Halliday (1985, 1995) e mencionadas anteriormente.

Dessa distinção é possível teorizar duas funções para uma predicação (expressão linguística): designação de um estado de coisas e representação do conteúdo de um ato de fala. Funções às quais Hengeveld (1988) se refere usando os termos “predicação” e “proposição”, respectivamente.

A predicação, como já temos repetido, resulta da relação entre o predicado e seus termos e pode estar localizada em uma estrutura de ordem mais alta, “a proposição”, que designa um “conteúdo proposicional” ou “fato possível”.

Os fatos possíveis: dizem respeito às entidades que são conhecidas, pensadas, criadas, provocam dúvidas, surpresas; podem ser mencionadas, lembradas; podem ser ditas verdadeiras ou falsas em relação às ocorrências em algum mundo possível. Este é o plano mais próximo do abstrato (do mundo das ideias). A oração em negrito a seguir exemplifica uma proposição, é a codificação de um fato possível, as demais são codificações de EsCo. Todas constituem atos de fala.

62) eu trabalhei... eu era manicure né... e aí trabalhei no salão da vó dela [da minha filha] até os nove meses... aí depois eu tive ela... aí depois **acho que foi depois de dois meses que ela nasceu..** (Fala goiana).

Como um fato possível, pode ser reconhecido, provocar dúvidas, ser negado, considerado verdadeiro ou falso. A combinação de uma proposição com uma força ilocucionária - mecanismo linguístico que indica a intenção comunicativa - constitui a “oração, “a sentença”, que no nível da enunciação constitui um ato de fala.

Em termos mais específicos, os verbos que atuam na camada da proposição são, especialmente, verbos de **modalidade, cognição, manipulação, elocução**. Eles dizem respeito a uma relação de **implicação** ou de **pressuposição** entre a oração completiva (**objetiva ou subjetiva**) e a oração principal, são verbos que dizem respeito à atitude do falante na situação do discurso.

Por uma questão metodológica, não nos deteremos mais longamente nesses tipos de verbo. Cabe apenas registrar que exemplificam essa categoria verbos epistêmicos como *saber, compreender, descobrir, ignorar, perceber, notar, lembrar*; verbos de atitude sentimental como *admirar, lamentar*; verbos de elocução como *gabar-se, desculpar-se*; verbos avaliativos como *relevar, estranhar, importar*.

- Para mais aprofundamento neste tipo verbal, indico: Neves, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 25-65.

As metafunções da linguagem, as unidades estruturais a elas relativas e a função que cada uma cumpre na codificação linguística são explicitadas no quadro a seguir, adaptado Hengeveld (1988 *apud* Dall’aglio-Hattner 1995, p. 55).

Quadro 5 - As camadas estruturais da organização oracional

Metafunção	Unidade estrutural	Função no nível de codificação
Interpessoal	Oração Proposição	Ato de fala ato possível
Representacional	Predicação Predicado	Estado de coisas Propriedade/relação entidades ou indivíduos

(Fonte: Adaptado de Hengeveld 1988 *apud* Dall’aglio-Hattner, 1995, p.55).

A relação entre as camadas oracionais é resumida por Dall’aglio-Hattner (1995, p. 55) nos seguintes termos: “A partir do nível mais externo, (...), dentro de um ato de fala, um conteúdo proposicional é comunicado, fazendo-se, dentro dele referência a um estado de coisas do qual participam alguns indivíduos.”

Para os propósitos e limites desta obra, centramos nossa atenção prioritariamente sobre o predicado e a predicação, a partir dos quais toda oração se estrutura.

Tipologia de estado de coisas

Dik (1997) distingue os EsCo a partir da semântica interna de uma predicação. Valores (+) ou (-) para determinados grupos de traços determinarão a tipologia de EsCo. Os principais parâmetros

considerados por ele são: dinamicidade, controle, telicidade, momentaneidade.

Nesta ocasião, apresentamos a tipologia básica proposta por Dik (1997), considerando-se cruzamento dos traços dinamismo (alteração, mudança do EsCo) e controle (a alteração no EsCo se dá pela intenção da entidade de onde parte o evento).

Quadro 6 - Traços distintivos e tipologia dos EsCo, segundo o modelo de Dik

	[+ controle]	[- controle]
[+ dinâmico]	Ação (evento)	Processo (evento)
[- dinâmico]	Posição (situação)	Estado (situação)

Fonte: Dik, 1997, p. 107.

A partir do cruzamentos desses traços, tem-se a seguinte tipologia dos EsCo:

Ação: + dinâmico + controle: João abriu a porta

Processo: + dinâmico – controle: João caiu

Posição: - dinâmico + controle: João estava comigo

Estado: - dinâmico – controle: O Museu do Louvre fica em Paris

Outros exemplos, com base em Gonçalves (não publicado):

a) EsCo-estado: [-din] [-cont].

63) O Coliseu fica em Roma.

64) Maria está doente.

b) EsCo-posição: [-din] [+cont].

65) Maria está sentada no jardim.

66) O bebê dormiu a noite toda.

c) EsCo-Ação (evento): [+din] [+cont].

67) Os ladrões assaltaram o banco semana passada: cortaram o cadeado e tiraram o dinheiro do cofre.

d) EsCo-processo: [+din] [-cont].

68) O menino cresceu muito durante a adolescência.

69) Maria rolou escada abaixo.

Considerar a tipologia dos EsCo ajuda a compreender como ocorre a representação e a codificação linguísticas e a organização predicativa em termos da semântica do evento descrito, o que significa tirar a atenção do verbo por si só, atentar para a função dos elementos na estrutura oracional e para o papel semântico dos elementos envolvidos na relação predicativa. Além disso, permite ao estudioso da gramática das línguas ter uma visão mais ampla e científica a respeito de sua organização.

Exercícios

Para exercitar um pouco essa nova maneira de compreender a tipologia predicativa, atribua os traços [+/- dinâmico] e [+/- controle] aos EsCo descritos nos enunciados abaixo. Verifique primeiro de que tipo de EsCo se trata.

1. São Paulo é uma cidade muito grande.
2. Junho fica entre maio e julho.
3. José tem um caderno de anotações.
4. O mico-leão dourado está desaparecendo do planeta.
5. Maria deu um livro a Pedro.
6. O menino quebrou a vidraça com uma pedra.
7. Rio Preto cresceu muito nos últimos anos.
8. A mata atlântica está se extinguindo.

CAPÍTULO 5

O PREDICADOR PROTOTÍPICO. O PREDICADO VERBAL ⁴

O verbo é o predicador prototípico. A denominação “verbo” remonta aos romanos (Cícero e Varrão). “Verbum”, em latim, significava “palavra” – qualquer palavra, de qualquer classe morfossintática. A escolha dessa expressão para indicar a classe morfossintática que ainda hoje denominamos “verbo” pode estar relacionada à convicção de que o verbo é a “palavra por excelência”. Essa convicção é baseada no fato de que, nas línguas clássicas (em latim, mas também em grego), o verbo contava com um paradigma de flexões vasto e bem definido (Ilari e Basso, 2010). E o interesse em compreender essas flexões foi sempre ponto fundamental nos estudos do verbo ao longo dos tempos.

Nas gramáticas tradicionais, essa resposta fala em “tempos”, “modos”, “vozes” e “pessoas” – uma resposta que de certo modo consegue mostrar a grande dimensão paradigmática da conjugação verbal.

4. Contribuíram grandemente para as informações aqui apresentadas, as reflexões de Ilari e Basso (2010)

Considerando-se o seu papel (sintático e semântico) na predicação, uma vez que nem todos constituem predicado, podemos distinguir os seguintes tipos de verbos:

- a) **Lexicais ou verbos plenos:** expressam situações identificáveis no mundo biopsicofisicossocial (Travaglia, 2008, p. 163) e constituem o predicado prototípico em português.

Constituem um lexema conceitual: uma forma da língua com carga semântica, representando um conceito do mundo.

São também responsáveis por todas as informações morfossintáticas, semânticas e discursivas para a formação da sentença, ou seja, além das informações conceituais, os verbos plenos carregam também informações gramaticais (tempo, modo, número e pessoa).

70) Nós **fomos** para Cuiabá (Fala goiana).

- b) **Menos lexicais ou verbos-suporte:** verbos que atuam em predicções organizadas a partir de um verbo lexical gramaticalizado, abstratizado, e um elemento nominal. Esse verbo tem sua carga semântica diminuída, tem valor metafórico, e porta as informações sintáticas de Modo, tempo, número e pessoa.

71) ela até fala que eu **fiz lavagem cerebral** na cabeça dela (Fala goiana).

- c) **Verbo cópula ou de ligação:** vincula um predicador nominal ao seu especificador (sujeito), traz ainda uma certa carga semântica de estatividade e acrescenta informações gramaticais de tempo, modo, número e pessoa, auxiliando na configuração gramatical da oração organizada em torno de um nome predicativo.

72) Meus irmãos **são** esquisitos (Fala goiana).

d) Gramaticais: não expressam situações ou conceitos, mas atuam na predicação auxiliando na marcação de categorias verbais (modo, tempo, voz, aspecto e modalidade).

73) Então eu falei...não **vou** fazer mais comida (auxiliar de futuro) (Fala goiana).

Esses verbos podem ser auxiliares da predicação ou da proposição.

e) Verbos auxiliares da predicação (do dictum, do conteúdo, do estado de coisas): formam o centro da predicação com uma forma não flexionada de verbo pleno, acrescentam informações gramaticais de tempo, modo, número e pessoa, auxiliando na configuração gramatical da oração (Modo, tempo, concordância, voz, aspecto).

74) **Vou** comprar um carro (auxiliar de tempo futuro) – O cachorro **foi atropelado** pelo ônibus (auxiliar de voz passiva).

f) Verbos auxiliares da proposição (do modus, da avaliação do falante sobre o conteúdo do dictum, codificando possibilidade, incerteza, probabilidade, palpite etc.) (indicam Modo e Modalidade):

75) agora **parece** que ela tá tendo... ele tá mais forte... aí eu fico menos preocupada... porque eu emagreci muito...(Fala goiana).

76) eu **poderia** estar trabalhando lá de boa (Fala goiana).

Existem verbos ou formas verbais que, além de cumprirem uma função na construção da predicação e/ou da proposição, atuam

na organização discursiva dos textos, como, por exemplo, o verbo **chegar** em

77) eu **cheguei** nele e falei... no meu pai e falei... falei sim... muita poucas e boas...(Fala goiana)

Explicando melhor: frequentemente verbos plenos derivam verbos gramaticais e com estas compartilham traços semânticos e formais. Esse processo a partir do qual uma categoria do léxico (verbo pleno) se desenvolve em uma categoria da gramática se chama **gramaticalização**. Verbos auxiliares e verbos-suporte são prototipicamente verbos plenos gramaticalizados.

Considerando as transformações ocorridas com muitos verbos do PB, pode-se dizer que eles constituem um contínuo de gramaticalização ou uma escala de abstratização, ou seja, expressam significados e exercem funções na organização oracional que vão de [+ mais concretos, do mundo] a mais abstratos [do discurso]. Essa escala tem a seguinte configuração unidirecional:

Verbos plenos > Verbos suporte > Verbo cópula ou de ligação > Verbos auxiliares da predicação (tempo, voz e aspecto) > Verbos auxiliares da proposição (modais, do modus) > operadores argumentativos, marcadores conversacionais, expressões idiomáticas etc.
+ lexicais ou conceituais > - lexicais > - gramaticais > + gramaticais > + discursivos

Definição multifuncional do verbo pleno

Bagno (2012) faz uma longa explanação sobre o verbo e seu papel na organização da gramática e procura defini-lo a partir do seu papel nos diferentes níveis de constituição linguística.

Quadro 7 - Definição de verbo, segundo Bagno (2012)

Definição do verbo	
Morfossintática	Palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: Radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número pessoal: Falássemos = fal- +a + sse + - mos
Semântica	Expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os processos, os estados e os eventos que precisamos representar ou descrever quando escrevemos ou falamos. (Fal -) E também é responsável por atribuir status oracional à seleção argumental: carrega informações gramaticais básicas para a formação sentencial (modo, tempo, número e pessoa). (+a + sse + - mos)
Discursiva	“Palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo, que os qualifica devidamente via processo de predicação; que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (Castilho, 2010, p. 396)

Fonte: Bagno, 2012, p. 509 [adaptado].

O predicado verbal ou verbos que constituem predicados

O predicado verbal, organizado em torno de um verbo pleno (lexical, seleciona argumentos), é o predicado prototípico em português. O significado lexical do verbo faz que ele projete um determinado nú-

mero de argumentos, relativo às entidades envolvidas no EsCo representado. A determinação desse número é denominada **VALÊNCIA**.

A valência tem uma certa natureza lógica, devido remeter às experiências no mundo, mas é determinada pragmaticamente. Por exemplo, no léxico mental um determinado EsCo é previsto para envolver três entidades, mas na materialidade discursiva isso nem sempre todas elas serão explicitadas.

Neves (2002, p. 103-111) explica que a **valência pragmática está relacionada à transitividade em perspectiva**. Isso significa reconhecer que a organização das orações num texto mostra uma determinação da valência verbal operada pela situação comunicativa. Logo: a realização do sistema de transitividade nos enunciados efetivamente realizados decorre de uma perspectiva determinada pelas necessidades e intenções comunicativas.

Assim, a valência de um predicado é determinada contextualmente.

78) Eu vendo balas (atividade venda) (2 argumentos – Eu / bala)

79) Eu vendi uma casa ao meu irmão (Ação de transferência) (3 argumentos – Eu / uma casa / meu irmão).

Os verbos plenos podem ou não selecionar argumentos, ou seja, podem ter valência de zero a quatro. Quanto ao número de argumentos, os verbos se classificam em aivalentes, monovalentes, bivalentes, trivalentes e tetravalentes.

Verbos quanto ao número de argumentos ou quanto à valência:

a) Aivalentes: não selecionam argumentos. Codificam um evento em que não há uma entidade de onde parte o processo descrito pelo predicado.

80) Naquele ano...**choveu** muito...choveu de outubro a março
(Fala goiana).

b) Monoargumentais ou **monovalentes**: selecionam um argumento. O evento codificado é centrado em uma única entidade. Esses verbos indicam algum tipo de movimento, como *correr*, *nadar*, *pular*; designam processos que se passam num organismo vivo, como *dormir* e *desmaiar* ou indicam a entrada ou a saída de cena como *aparecer* e *sumir*, etc. (Ilari; Basso, 2010)

- Subconjunto dos monoargumentais:

a) **verbos ergativos**. A palavra “ergativo” remete a línguas em que os eventos narrados na sentença são apresentados na perspectiva de quem sofre a ação e não de quem a faz, ou seja, em línguas em que a construção gramatical mais comum é aquela em que a posição de sujeito é ocupada pelo paciente e não pelo agente – uma situação que, em português, é realizada pelas orações passivas, bem menos frequentes do que as ativas correspondentes.

Nos verbos ergativos, o cujo único argumento combina propriedades sintáticas típicas do sujeito dos verbos transitivos (por exemplo: determina a concordância do verbo), com propriedades do objeto dos verbos transitivos (por exemplo: adota de preferência uma posição pós-verbal). São ergativos os verbos *chegar*, *explodir*, *cair*, *sair*, *aparecer*, conforme exemplificado a seguir, alguns desses exemplos foram transcritos de Ilari e Basso (2010):

81) caiu um lenço.

82) chegou Assolan, o novo produto de limpeza.

83) Chegou aquele amigo dele: “ahn, eu sou importante, agora eu tenho uma esposa e três cavalos” (NURC).

- 84) explodiu um boião de gás de cozinha naquele prédio.
- 85) sai hoje a lista de aprovados da Fuvest .
- 86) Sai as brigas em família, tudo bem, e na hora que eles aparecem em comunidade fica tudo ótimo. Eles mantêm esse elo dentro da família ali. (NURC).
- 87) no final dos anos '50 apareceu a Bossa Nova.
- 88) De vez em quando aparecem as riscas no chão marcando o início de pista. (NURC).

b) Verbos existenciais ou apresentacionais: Os verbos apresentacionais cumprem a importante tarefa de introduzir novos referentes no discurso, que serão retomados na sequência das ideias. Eles são responsáveis por “trazer à existência (discursiva)” novos objetos, de que se falará em seguida, e isso explica uma outra denominação que já lhes foi aplicada, a de “**existenciais**”.

Os objetos assim introduzidos passam a existir num universo de discurso, não enquanto objetos do mundo real, por isso a denominação “apresentacionais”, menos comprometida com ontologia, parece ser mais adequada para identificá-los

- Nos textos, os verbos apresentacionais aparecem tipicamente com quatro características (Ilari; Basso, 2010):
 - (i) a presença de uma *coda* (*parte da sentença que segue o verbo*), representada por um adjetivo ou uma oração relativa;
 - (ii) a posição pós-verbal de seu único argumento;
 - (iii) o fato de que esse argumento é normalmente introduzido pelo artigo indefinido;
 - (iv) a presença, na *coda*, de um circunstancial de tempo ou de lugar.

- ❖ Os principais verbos apresentacionais no português brasileiro são:
 - *Ter e haver*: são usados impessoalmente (sem concordância). *Ter* é prevalente no Português brasileiro.
 - *Existir*: geralmente concorda de maneira regular com o seu único argumento:

89) **Aqui não há nada da representação do povo da Madeira** a competir ao Presidente da Assembleia Regional, para depois se dizer que compete à Assembleia Regional, aos Deputados regionais. **Aqui há a representação correcta da Região** como pessoa, obviamente, colectiva. [...]. (Corpus CRPC, Portugal Only).

90) A avó da menina, disse que a família já refez do susto e gora questiona a falta de locais de lazer no bairro, o que leva as crianças a buscarem outras alternativas para brincar e integrar. **“Tem muita criança no bairro**, elas não têm nenhum parque ou praça para se divertirem, por isso ocorre situações como esta”. (Corpus do Português Now).

91) “O Pará tem uma grande produção de laranja e se alastrar para lá vai ser feita barreira, a indústria vai sofrer sério dano econômico e a laranja será impedida de sair para o resto do país. **Existe uma portaria ministerial** que proíbe a saída de qualquer fruta hospedeira da mosca da carambola do Amapá”, informou o auditor fiscal agropecuário. (Corpus do Português Now).

c) **Verbos biargumentais** ou **bivalentes**: selecionam dois argumentos, pois codificam eventos que envolvem duas entidades, uma de onde parte e outra que é o ponto de chegada do processo. Segundo Ilari e Basso (2010), são biargumentais

(i) verbos que indicam uma ação realizada por um agente sobre um objeto, como *ligar* e *derrubar*.

92) às vezes **eu ligo o rádio** (NURC).

93) No Parque Lucaia **eles derrubaram muita coisa**, porque naquela época ainda não era moda proteger a vegetação. (...) Então **eles derrubaram muitas árvores** aí. (NURC).

(ii) verbos que indicam uma ação que resulta na existência de um objeto previamente inexistente, como *fazer* e *construir* em:

94) o sapato novo longe não quis... porque **mamãe fez uma roupinha de veludo** para o casamento da minha sobrinha né? (NURC).

95) **Ele construiu uma casa boa**. Essa aí ele construiu porque ele era funcionário público do Ipa. (NURC).

(iii) verbos que indicam uma certa relação psicológica entre um ser inteligente e um objeto, como *gostar de*, *amar*, *detestar*, *reconhecer*, etc.:

96) Eu nunca gostei de roupa uruguaia. Sempre achei pavorosa a roupa uruguaia. (NURC).

97) o médico declara ao rei que o príncipe ama a rainha (NURC).

98) porque pra mim... é horrível Petrópolis é... a chuva que eu detesto chuva (pausa) não gosto de chuva (NURC).

- 99) fazer uma leitura em nível PRE-iconográfico nós vamos reconhecer as formas... então que tipo de formas que nós vamos reconhecer?... (NURC).
- (iv) verbos que estabelecem algum tipo de comparação, merecendo atenção especial o verbo *ser* indicador de identidade, que, numa descrição de tipo mais tradicional, seria classificada como um formador de predicados nominais.
- 100) um vestibular diferente de hoje **o número de vagas**, geralmente, **era maior que o número de candidatos** felizmente pra mim, porque assim não, não fiquei à margem já, desde o primeiro vestibular (NURC).
- 101) ele estava falando que... quando ele veio para **São Paulo** – ele é argentino tal – em cinquenta e quatro **era menor que o Rio** (NURC).
- 102) **nossa organização sindical é um tanto quanto forçada** (NURC).
- 103) a cozinheira da tia Lurdes, **a ex-cozinheira da tia Lurdes** [...] é uma das pessoas mais elegantes que eu conheço era uma pessoa assim (NURC).

Observa-se que, em uma análise da valência sob orientação funcionalista não seria correto enquadrar automaticamente todos os usos do verbo *ser* entre os biargumentais:

Ilari e Basso (2010) alertam que o verbo *ser* só é biargumental quando indica igualdade ou identidade; nesse caso, temos uma sentença reversível que, se for verdadeira, nos informa que dois nomes ou descrições diferentes têm a mesma referência.

A história é outra para sentenças como:

104) João é **brasileiro**.

Nesse tipo de sentença, não há reversibilidade semântica; o verdadeiro predicado é o adjetivo “brasileiro”, que, por motivações sintáticas, ou seja, por razões de boa formação da sentença, requer a presença de um verbo de cópula ou de ligação.

d) Verbos triargumentais ou trivalentes: selecionam três argumentos, pois codificam EsCo que envolvem três entidades (A e C), sendo que A e C são respectivamente o ponto de partida e o ponto de chegada do processo e C uma terceira entidade fundamental para a descrição do evento.

105) O senhor Onofre entregou a planta para o Leonino (Fala goiana).

e) Verbos tetravalentes: selecionam quatro argumentos. Ilari e Basso (2010) dizem que eles ocorrem em sentenças que realizam, em sua maioria, um destes dois esquemas:

- (i) [A faz com que [B passe de C a D]];
- (ii) [A transfere B para C] &, como parte de uma mesma ação, [C transfere D para A].

106) O juiz (A) transferiu o preso (B) da delegacia (C) para uma prisão mais segura (D).

107) Eu(A) transferei o telefone(B) da minha antiga(C) casa para a nova(D).

E também em construções com os verbos *passar*, *mudar*, *encaminhar* etc.

O esquema (ii) pode, por sua vez, ser encontrado em sentenças como (108), onde se relata uma troca comercial, e (109):

108) O antigo proprietário (A) vendeu a casa (B) a um árabe (C) por 800 mil reais (D).

109) Eu (A) vendi um carro (B) pra um cara lá em Salvador (C) por 2 mil reais (D). (cf. NURC: a primeira vez que fui a Salvador na época que eu era solteiro entao eu vendi um carro pra um cara lá em Salvador tinha um Karmanguia fui levar o Karmanguia até lá e voltei de ônibus acontece que a...)

E também em construções com os verbos *trocar*, *transferir*, *comprar* etc. (relações complexas)

Os papéis de participação ou papéis semânticos dos argumentos

Os argumentos dizem respeito às entidades envolvidas no EsCo e, por isso, se diz que eles cumprem papéis semânticos, também chamados de papéis temáticos ou funções semânticas, relativos a um determinado modo de participação dessas entidades num evento do mundo e remetem à ideia de que o verbo é o molde da sentença. **Papéis temáticos são a tradução da experiência humana na estrutura da língua.**

Ilari e Basso (2010) afirmam que a atribuição de papéis temáticos aos sintagmas nominais associados aos verbos leva naturalmente a duas situações à primeira vista contraditórias:

- i. atribuir papéis temáticos diferentes a sentenças que têm uma estrutura superficial semelhante (110) e (111), e

110) Pera aí! sábado eu₁ senti₂ frio₃, mas frio mesmo. Não é umidade. Umidade um troço que permanece. Agora frio, entra num frigorífico (...) que você vai ver que é diferente. (NURC).

Experienciador (1) Verbo (2) Objeto da experiência(3)

111) eu₁ vou buscar₂ o fundamento último₃ daquela realidade que implica todos esses campos de conhecimento (NURC).

Agente (1) Verbo (2) Alvo (3)

ii. atribuir um mesmo conjunto de papéis temáticos a sentenças que diferem em sua estrutura sintática (112) e (112a):

112) Lá o irmão₁ batia na irmã₂ com vara de não sei quê₃, né? (NURC).

Agente (1), Paciente (2), Instrumento (3)

112a) Lá a irmã₂ apanhava do irmão₁ com vara de não sei quê₃, né?

Paciente (1), Agente (2), Instrumento (3)

Agente: um ser animado consciente da ação identificada pelo verbo (aqui cabem também instituições e máquinas).

113) A **Clarinha** ela cozinha eu é uma maravilha, essa que é vegetariana. **Ela** põe assim aquela farinha e faz uma papa que são umas delícias [...] **ela** faz uns peixes maravilhosos, com tudo natural. **Ela** me explica como é, mas eu nunca acabo nunca fazendo [...] eu fico com preguiça (Recontato do Inquérito).

Experienciador: ser animado sujeito de uma sentença com verbo estativo.

114) eu (experienciador) **gosto** muito **de bolo de chocolate**, que aliás não me faz muito bem, que eu sou muito alérgica (Recontato do Inquérito).

Causa: ser que desencadeia um processo, sem ter controle ou responsabilidade sobre ele.

115) Eu chego à conclusão que não é **o vento** que faz sair lágrimas. (NURC).

Paciente: aquilo que pode ser afetado pela ação do verbo da sentença em questão.

116) Então eles derrubaram **muitas árvores** aí (NURC).

Objeto resultante: objeto, na maioria das vezes inanimado, que é o resultado de um processo expresso pelo verbo em questão.

117) Documentador: E o que tinha nesse lanche? – Informante: Era café com leite ou chá, pão com manteiga, também uma geléia, era como se fosse um novo café da manhã, entende, mas todo mundo convidava para tomar lanche, quando ia uma visita você melhorava um pouco, fazia **um bolo** ou **um biscoitinho fino**. (Amostra Recontato NURC).

Objeto da experiência: o objeto ou estado de coisas que desencadeia uma reação física ou psicológica.

118) Sábado eu senti frio, mas frio mesmo. (NURC).

Beneficiário: indivíduo, na maior parte das vezes, que é o alvo do resultado de evento da sentença em questão

119) ele recebeu um gem do pai e um da mãe, isso significa o quê? (NURC).

Instrumento: aquilo que se usa ou meio através do qual o evento veiculado pelo verbo principal da sentença em questão se realiza.

120) Lá o irmão batia na irmã **com vara** de não sei quê, né? (NURC).

A gramaticalização de verbos plenos em verbos mais abstratizados⁵

O caso do verbo “ter”

Os verbos auxiliares, verbos-suporte e outros tipos de verbos não predicativos geralmente decorrem da gramaticalização de um verbo pleno, conceitual, que sofre dessemantização, passa a representar outros significados e a assumir funções mais abstratas na organização oracional, ou seja, passa a assumir funções mais gramaticais (auxiliares) ou de natureza discursiva (verbos seriais, modalizadores, etc.). Vários verbos do PB passaram por esse processo, como *dar, dever, estar, dar, fazer, ir, poder, ser, tomar* e *ter*. Este último, por exemplo, foi estudado por Casseb-Galvão (2015) e outros estudiosos brasileiros devido a sua intrigante polissemia e funcionalidade. Trata-se de um verbo que assume desde valores mais conceituais, passando pelos gramaticais e até os discursivos. Esta análise apoia-se nas descrições de Neves (2000), Ilari e Basso (2010), Castilho (2011) e Bagno (2012).

Tem-se como pressuposto que o verbo “ter” se abstratizou e se gramaticalizou, formando unidirecionalmente (Gonçalves *et al.*, 2007), um contínuo no formato da escala de gramaticalização apresentada no início deste capítulo:

Verbos plenos > Verbos suporte > Verbo cópula ou de ligação > Verbos auxiliares da predicação (tempo, voz e aspecto) > Verbos auxiliares da proposição (modais, do modus) > operadores argumentativos, marcadores conversacionais, expressões idiomáticas etc.
+ lexicais ou conceituais > - lexicais > - gramaticais > + gramaticais > + discursivos

5. Parte dessa análise do verbo “ter” foi publicada em Casseb-Galvão (2015).

Os níveis de atuação da forma verbal “ter” vão desde a predicação básica, passando pela predicação estendida até a camada da proposição (organização da enunciação; da argumentação e do conteúdo proposicional). Em outras palavras: o verbo “ter” atua tanto no nível representacional quanto no nível interpessoal.

Seguindo-se a escala de gramaticalização que seus usos formam, ele assume as seguintes funções e apresenta as seguintes propriedades:

(i) **Verbo-pleno:** predicativo / categoria lexical / seleciona argumento / recebe flexão

121) E disse pra ela: “...você **tem essa passagem** pra voltar quando o dinheiro acabar.” (PEUL)

(ii) **Auxiliar de tempo:** não predicativo, formador de tempos compostos de passado, grau médio de dessemantização, categoria gramatical.

122) Quando eu **tinha completado** trinta e seis anos eu fui batizado na igreja de Mossamedes... lá eu fui batizado... (Fala goiana).

123) Em janeiro, Meném já **tinha cortado** US\$ 1 bilhão. (FSP).

124) Não acredito que o presidente **tenha feito** ameaça. (FSP).

125) Vamos dizer que a gente **tivesse assaltado**, por engano, uma academia de caratê. (FSP).

126) **Tenho saído** com ele, ido a todos os lugares que quero conhecer (Fala goiana).

(iii) **Auxiliar aspectual:** não predicativo, forma perífrase com um verbo no particípio, indicando as diferentes maneiras nas quais uma

ação se estrutura internamente (popularmente se diz que é o tempo interno da ação expressa pelo verbo).

- Iterativo ou frequentativo:

127) **Tenho saído** com ele, ido a todos os lugares que quero conhecer (Fala goiana)

128) **Tem comprado** muitos diamantes? (VB)

(iv) Auxiliar de voz

- Integrante de esquema construcional de voz passiva “XterYparticípio”.
- Típica de elocuições formais e discurso jornalístico.
- Forte correlação pragmática: está a serviço da perspectivização do estado de coisas descrito, coloca em relevo o afetado pela ação descrita.

129) **Motorista diz que teve carteira suspensa** pelo Detran-MG sem ser comunicado. (Estado de Minas).

130) **Neguinho da Beija-Flor tem carro apreendido** durante blitz no Rio. (Estado de São Paulo).

(v) Verbo apresentacional

- Caráter verbal esvaziado: introdutor das coisas no mundo do discurso. “Apresenta a coisa para que, adiante, se possa *falar dela e dizer que ela*”. (Bagnó, 2012, p. 621-629)

131) “uma espécie duma piscina né? Não **tinha** pis/ não havia quase piscina naquele tempo... (NURC).

- Integra uma estrutura oracional equivalente a do verbo *haver*: é impessoal, invariável, não exige flexão, não concorda com o nome que introduz.
- *Ter é o* verbo apresentacional mais recorrente no PB.
- Bagno (2012, p. 626): hipercorreção a flexão de número em (132):

132) eu noto que antigamente **ti/tinham** filmes mais assim com maior conteúdo. (NURC).

- Seu estudo no ambiente escolar é uma ótima oportunidade para se confrontar incoerência de algumas normativas, descredenciar preconceitos, discutir equívocos nas regras da tradição gramatical.

(vi) Verbo-suporte

- Exacerbação do caráter híbrido e viscoso dessa forma verbal.
- Valor semântico da construção geralmente equivalente a outro verbo na língua.
- Configuração estrutural dessas construções (Neves (2000), ratificada por Bagno (2012)):

(i) um **verbo** com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento **morfológico** e **sintático** na construção do **predicado**.

(ii) um **sintagma nominal** que entra em composição com o **verbo** para configurar o sentido do todo, bem como para determinar **os papéis temáticos** da **predicação**.

- Tem significação genérica e codifica estado.

133) A Celg **tem conhecimento** do problema. (CB)

134) Seu Marra **tem noção** de hierarquia e tacto suficiente. (AS)

- Neves (2000) reconhece que a versatilidade sintática da construção com verbo-suporte coopera para o desenvolvimento discursivo.
- Permite adjetivar o complemento, qualificando-o (134) ou classificando-o (136): mais carga informativa ao conteúdo enunciado:

135) [O homem] **teve um riso** vazio e largo (M).

Em (135), a escolha por *sorrir* (**vaziamente e largamente*) não seria produtiva para descrever a cena discursiva com a mesma funcionalidade e o mesmo efeito de sentido.

136) fora disso cada três meses **tem um jantar dançante** dessa sociedade mesmo (NURC).

- Confere adequação comunicativa. Preenche lacuna no léxico. Especificidade de registro.
- Atribui leveza e poeticidade à fala cotidiana (137):

137) Minha irmã **teve nenê**!

Efeitos textuais, informacionais e discursivos da construções-suporte:

- Produz efeito na organização da coesão textual e no desenvolvimento do fluxo de informação
- Agrega relevo informacional, como na escolha de *ter preferência* (em lugar de *preferir*, por exemplo):

138) Kubo também **tem preferência** por luxos importando, principalmente carros americanos (FH).

“ter preferência por” põe em relevo “luxos importados”, favorecendo ao interlocutor uma interpretação mais precisa da relação expressa entre o complexo predicador e seu complemento.

Ilari; Basso (2010, p. 213), inspirados em Neves (2000) mencionam a precisão da construção com verbo-suporte, pois, o “sistema de determinação que a língua disponibiliza para os sintagmas nominais é mais articulado e mais ‘amigável’ do que para os verbos”, como em (139):

139) Bom, então tem que ser das noites de concerto do tempo antigo, porque agora não **TEM** a mesma graça que antes, que antes ficava lotado (NURC).

(vii) **Integrante de expressão idiomática:**

- não composicional / operador proposicional / modal epistêmico

140) Eu **tinha por certo** que aqueles diabos nos buscavam por alguma treta que meu amo lhes armara (TR).

“Se são importantes para a gramática, também são importantíssimas para o ensino, na medida em que essas construções, pela versatilidade sintática e discursiva que exibem, podem ser recomendadas aos alunos como boas opções em suas produções textuais. (Bagno, 2012, p. 639).

PALAVRAS FINAIS

Os conteúdos explorados neste livro foram selecionados entre aqueles mais relevantes estudados durante os meus cursos de Sintaxe do Português para os alunos da graduação, e sua abordagem é baseada em inúmeros trabalhos descritivos do português contemporâneo, devidamente referenciados. Fico devendo muitos outros temas envolvidos na determinação da predicação e da proposição, como a estruturação e a funcionalidade do tempo, do modo, da voz, da pessoa, da auxiliaridade, do aspecto, da modalidade etc., dívida decorrente de circunstâncias editoriais e que pago assim que eu tiver uma oportunidade.

O tratamento do nível sintático em integração com os níveis semântico, pragmático e informacional oferece uma leitura fundamental para a compreensão de como os usuários da língua organizam os conhecimentos que compõem a sua competência linguística e discursiva, e como essa competência se revela nos textos através do componente gramatical.

A intenção inicial era trazer somente exemplos da língua efetivamente em uso nas situações reais de interação, e o fiz a partir de

dados de fala popular (Fala goiana, Corpus do Português), fala culta (Corpus do Português, NURC etc.), e de outras fontes mencionadas pelos autores aqui citados, mas, devido ao fato de o objeto por si só ter um forte componente formal, nem sempre isso foi possível, e, em alguns casos, foram usados exemplos criados para explicar fenômenos específicos. Saio pela tangente: a língua é função, mas também é forma!

Finalizo esta obra falando da alegria de poder refletir sobre fenômenos gramaticais fundamentais em uma perspectiva científica ainda pouco conhecida pelo aluno de graduação, e, que, por isso mesmo, se tornam ainda mais interessantes, como, a diferença entre argumento e função sintática, a organização multidimensional da oração, a definição de oração, a definição de sujeito, e sua distinção de outras categorias da gramática, como o tema e o tópico, a tipologia de estados de coisas, entre tantos outros.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRAGA, M. L. **As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro**. Relatório final apresentado ao CNPq, 1989. Mimeografado.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BERLINCK, R *et al.* **Sintaxe**. In. MUSSALIN. F; BENTES A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. V 1. São Paulo: Cortez, 2001, p. 207-244.

CASSEB-GALVÃO. V. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil**: os usos da expressão *diz que*. 2001. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

CASSEB-GALVÃO, V. C. Uma contribuição da descrição gramatical para o ensino do PB em contexto de Herança. In: CHULATA, K. A. **Portu-**

guês como língua de herança: discursos e percursos. Lecce: Pensa Multimedia, 2015, p. 149-165.

CASSEB-GALVÃO, V. C. A função sujeito. In: CASSEB-GALVÃO, V. C. *et al.* **O sujeito gramatical no português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2020.

CASSEB-GALVÃO, V. C. *et al.* **Construções de voz no Português brasileiro.** Goiânia: Cegraf UFG, 2022

CASSEB-GALVÃO, V. C. **O que é evidencialidade?** Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

CASTILHO, A. de. **Nova gramática do português brasileiro.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C. F **Gramática da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: FENAME, 1989.

_____. **Gramática da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: FENAME, 1997.

DAVIES, M. **Corpus do Português.** 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor.** Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DASCAL, M. **La razón y los misterios de la fe según Leibniz.** *In.* Revista Latino-americana de Filosofia 1. 1975, p. 193-226.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar.** Part. 1: The structure of the clause. 2. ed. Revisada. Berlim; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

ELISEU, A. **Sintaxe do português.** Ed. Caminho S.A: Lisboa, 2008.

FILETTI, E. M. **Objetos implícitos no português contemporâneo falado em goiás:** uma abordagem funcional. 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, C. R. **Objeto incorporado nas narrativas orais do português: discurso e interação social**. São Paulo: Annablume, 2008.

GONÇALVES, S. C. L. Aulas de Sintaxe (não publicado).

Grupo de Estudos Funcionalistas – GEF. **O português contemporâneo falado em Goiás** (Fala goiana). 2003. Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **A recent view of ‘missteps’ in linguistic theory**. *In* Functions of Language 2.2. Vol. 3 of The Collected Works, 1995, p. 249-267.

HENGEVELD, K. **Illocution, mood and modality in a functional grammar of spanish**. *Journal of semantics*, v. 6, p. 227-269, 1988.

_____. **Layer and operators**. *In*: Functional Grammar *Journal of Linguistic*, v. 25. 1989. p.127-157.

ILARI, R.; BASSO, R. M. **O verbo**. *In*: ILARI, R; NEVES, M. H. M. Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processo de construção. Campinas: Unicamp, 2010. v. 2.

_____. **Algumas características do português brasileiro**. *In*: O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

INFANTE, U. **Curso prático de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.

MAIA, J. D. **Português**: série novo ensino médio. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MIRA-MATEUS, M. H *et al.* **Gramática de português europeu**. Lisboa: Editora Caminho, 1989.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. **Gramaticalização, discursividade e determinações cognitivo-perceptuais**. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). Gramaticalização em Perspectiva: cognição, textualidade e ensino. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 13-26.

_____. **A oração e o texto: em vista os suportes teóricos de análise**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática da Oração: diferentes olhares. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2015. p. 15-42.

_____(org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016.

NICOLA, J. de; INFANTE, U. **Gramática Essencial**. 3. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

PEZATTI, E. G.; CAMACHO, Roberto Gomes. **Aspectos funcionais da ordem de constituintes**. ISSN 0102-4450 versão impressa. doi: 10.1590/S0102-44501997000200002. DELTA v. 13 n. 2 São Paulo Ago. 1997.

PEDROSO, J. R. **Tópicos essenciais de gramática**. Santa Catarina: Clube de Autores, 2019.

PINHEIRO, C. A. **Fábulas de Esopo**. (tradução) 2012.

RAPOSO, E. P. *et al.* **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.

_____. **Gramática do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

ROCHA-LIMA, H. de C. H da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Olympio LTDA, 1972.

ROBERTS, I.; KATO, M. (org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo, Campinas SP, 1993.

SHAFAN, J. **As fábulas de Esopo**. Baseado na edição em língua portuguesa: “Fábulas de Esopo - com aplicações morais a cada fábula” - 1848 - Paris, Typographia de Pillet Fils, 2008.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2008.

TERRA, E.; NICOLA, J. de. **Guia prático de ortografia**. São Paulo: Scipione, 1996.

SOBRE O E-BOOK

Tipografia ITC New Baskerville Std, Metro Nova
Pro, Study

Publicação Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás,
Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>